

ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR - ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

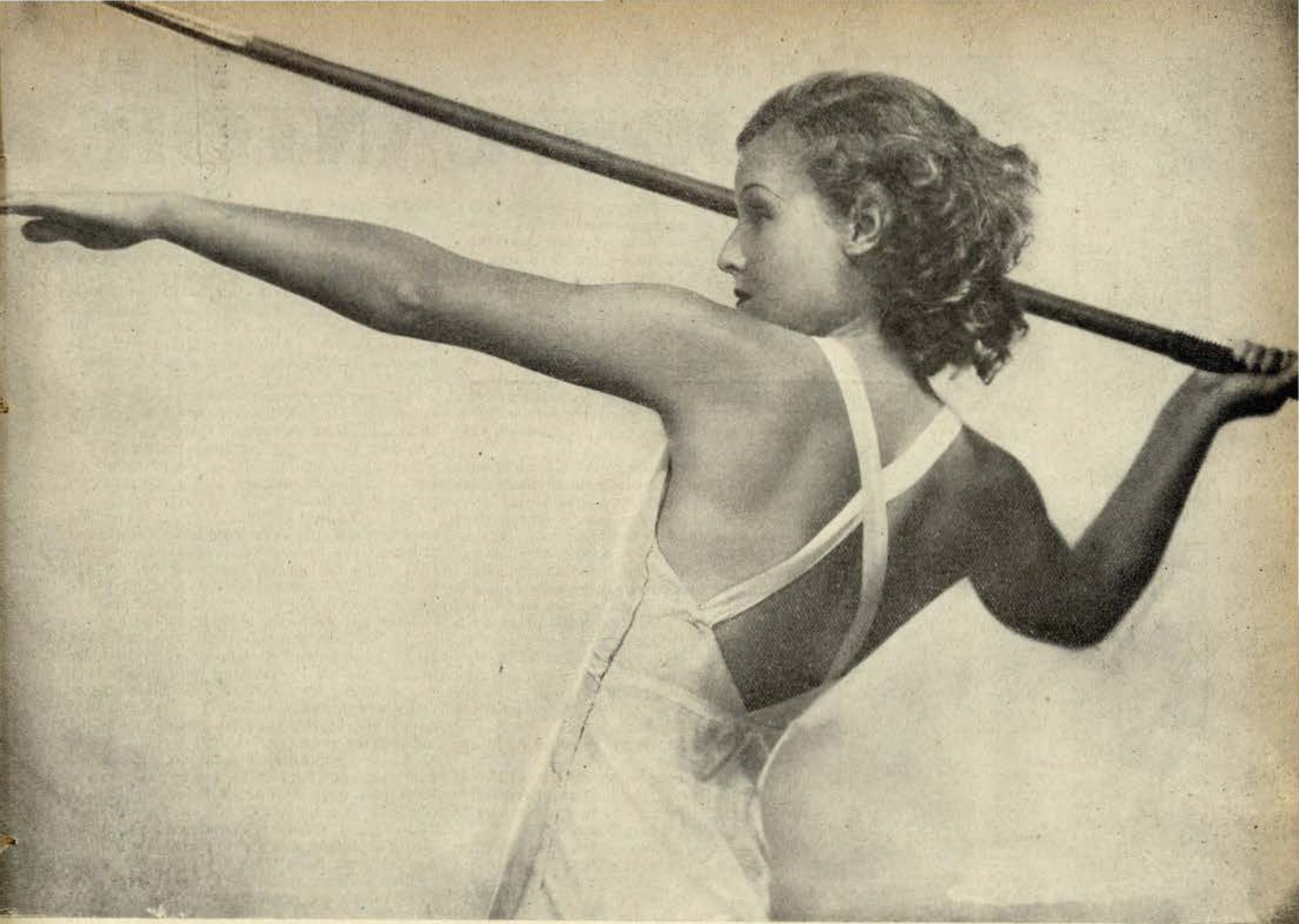
Nº 6 ● 1$50



UM AUTOGRAFO CATIVANTE DE ANNABELLA

Annabella, a encantadora actriz francesa, teve a gentileza de nos enviar êste seu lindo retrato com a mais amável das dedicatórias. A melhor forma dos nossos leitores lhe agradecerem é irem aplaudí-la em «14 de Julho» de René Clair, que amanhã se estreia no São Luís, apresentado pela Agência Cinematográfica H. da Costa.

Na capa: ROSY BARSONY, ESTRÊLA DA U. F. A.



L I L I A N A

Canção de ANTONIO BOTTO dedicada a LILIAN HARVEY

Tem nos olhos
Aquela dúbia certeza
De quem pretende fixar-se
Numa dôce realidade...

Olhando-a —
Não sei se a quero,
Nem sei até se a desejo
Nêsse normal desejar
Uma mulher provocante.
Beijá-la? — Sim; mas apenas
Como quem beija o perfume
De uma saüdade distante.

Altiva, oiço chamar-lhe.
— Não há mulher que o não seja
Se a beleza nela existe.

Ah!, meus amigos, a vida!...

Falei de amôr, puz-me triste.

ANTONIO BOTTO

EDDIE CANTOR



Mieux est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme
RABELAIS

DEZ vezes Eddie Cantor percorreu os sete mil quilómetros de via férrea que separam New York de Los Angeles, o Atlântico do Pacífico. Cinco vezes para lá, cinco vezes para cá. Cinco bilhetes de ida e volta em 1.ª classe que custam um dinheirão. Mesmo na América, na terra fabulosa dos milhões, o caso não é vulgar. Não se chega ao extremo de apontar, só por isso, um cidadão na rua, mas interessa saber quem é e porque o fez.

A mobilidade ferroviária de Eddie Cantor justifica-se com facilidade. Dois grandes centros o disputam com denodo, sem que nenhum consiga retê-lo de vez. Broadway e Hollywood acenam-lhe *tour à tour* com contratos chorudos, na esperança, sempre baldada, de fixarem no Oriente ou no Ocidente aquela agulha louca. Eddie-o-Inconstante nunca se decide. Prefere andar num vai-vem a tomar uma resolução. E' um rapaz sensato, afinal. Lembremos o belo verso do Poeta: «Resoluções não servem a ninguém»...

Este sistema habilidoso de *ménager la chèvre et le chou* tem-lhe surtido os melhores resultados. Compatibilisando o palco e o ecran, Eddie Cantor consegue ser o único actor de cinema e teatro que não vê um dos aspectos da sua popularidade — podiamos escrever: da sua glória — prejudicado pelo outro. Ídolo da Broadway, é idolatrado em Hollywood — o que não é difícil, dado o basbaquismo universal que toda a «província» tem pelas metrópoles. Mas o facto da sua permanência nos estúdios lhe não embaciar o brilho no proscénio é que já é notável pela raridade. Veja-se o caso de Maurice Chevalier, a quem a Rua de Clichy — Paris, enfim — nunca perdoou o seu contrato com a «Paramount».

E' certo que os méritos de Eddie Cantor excedem os de Chevalier, tornando até certo ponto justa, ou pelo menos natural, essa disparidade.

Para os cinéfilos superficiais que classifiquem de heresia a afirmação supra, dignamo-nos fazer uma demonstração.

A voga de Chevalier, quer no palco, quer no ecran, acenta quási toda em circunstâncias a que o artista é estranho como criador. E' preciso saber distinguir um bom intérprete dum verdadeiro artista. Arte sem criação não faz sentido. Chevalier limitou-se a descobrir um género seu, em que á incontestávelmente habilidoso, mas não inimitável. Chega a ser fácil imitá-lo, de tal maneira são aparentes os seus recursos, os seus cordelinhos. Basta uma garôta esperta como Mitzi Green para o desmascarar. Isto não diminui os seus méritos de actor, mas abala-o como artista. O caso de Maurice não é único. O que acontece com êle no domínio cómico, acontece com Al Jolson no patético, ainda mais artificialmente, se é possível. Por isso Chevalier desaparecerá — como Al Jolson desapareceu.

Como Charlie Chaplin, como Harold Lloyd, como Buster Keaton, Eddie Cantor é inimitável. Basta ter visto um dos seus filmes para se chegar sem esfôrço a essa conclusão.

Peguemos no último que foi exibido entre nós, tarde e a más horas: *Palmy Days* — a que se chamou, decerto para fingir que vinha muito a propósito na Páscoa, *Festas felizes*... Eramos capazes de jurar que há cinéfilos que não têm vergonha de supôr que *Palmy Days* foi o primeiro filme de Eddie Cantor que veio a Portugal... Esqueceram-se miserávelmente de *Testemunha imprevista* (Kid Boots) e da *Encomenda postal* (Special Delivery), que vimos há bem poucos anos, quando o silêncio exalava os últimos suspiros. Eram dois grandes filmes, Cantor enchia-os da sua exuberante fantasia, do seu espirito sempre jóvem, sempre *casto*. (O maior trunfo de Chevalier é a *cochonnerie*, a brejeirice equívoca de que faz alarde), marcando desde logo a sua inconfundível personalidade.

Em *Palmy Days*, Eddie Cantor revelou-nos mais um dos prodígios, a sua voz, que reúne a todos os predicados do bom tenor, em pureza e extensão, a gama de inflexões do *diseur* consumado. Bastaria a fórma como êle entôa, em várias circunstâncias, a famosa frase *When I'm excited, I sing!* (Quando estou excitado, canto), para chamar sôbre êles melhor atenção. A cena com Charlotte Greenwood (outra grande artista!) em que a ginasta mistura uma declaração de amôr violento com uma não menos violenta sessão de cultura física; a cena com o patrão — em que Eddie o ensina a imitar os patos; principalmente a cena em que aparece disfarçado de «professor de francês» a explicar ao seu tirano o novo método de prever o futuro — são das melhores expressões de cómico que temos observado.

Há quem pretenda aproximar Eddie Cantor dos Irmãos Marx. E' temerário e inútil. Os Marx andam na terra por acaso, caídos eu sei lá de que estranho planeta. Nenhum dos seus gestos tem qualquer sentido lógico ou humano; as suas reacções ficam para lá da loucura. São personagens lunares.

Eddie Cantor é sublunar. Os seus vínculos terrestres são suficientemente fortes para que o seu convívio não nos choque e cada uma das suas penas nos agrave. Não é que lhe aconteça grande mal. Os desgostos ainda o tocam menos que a Harold Lloyd, príncipe dos ótimistas. Passam por cima dêle como um cilindro sôbre um micróbio, sem o esmagar. O final de *Palmy Days* é um exemplo típico. Toda a gente supõe que, depois da alegria exuberante manifestada na canção *My baby said yes!*, o vamos ver mimar o desengano... Isso sim! E' êle quem pede ao pai da rapariga para lhe comunicar que afinal resolveu casar com outra!

Eddie Cantor não é estúpido, nem parvo, nem ridículo. E' um ratão, um tipo desconcertante pela dose de finura e de inteligência que põe nos seus imensos disparates. Com os seus olhos únicos, redondos e irrequietos como duas bolas de bilhar, os seus cabêlos ásperos e pretos, as suas mãos sêcas e inteligentes, que fazem coisas espantosas, a sua voz soberba, Eddie Cantor é o verdadeiro Rei da Madureza — e um dos maiores artistas do meu tempo.

BALTAZAR FERNANDES



Eddie Cantor e o seu chapeu triste.

PLANO GERAL

Apresentações Corporativas

E' ocioso dizer que as apresentações corporativas inauguradas recentemente pela Agência Cinematográfica H. da Costa fizeram sensação entre os nossos leitores, isto é: entre os cinéfilos portugueses. Um cinéfilo é, por definição, um «amigo do cinema». Não podiam, portanto, ficar insensíveis a tão marcante inovação, que diminui ostensivamente o aspecto comercial que tem sempre uma estreia à surprise.

Apareceu, finalmente, um distribuidor português disposto a romper com com a rotina — um distribuïdor que não as corta...

A designação «corporativas» causou engulhos a certos recta-pronúncias.

— Corporativas, porquê? — preguntaram, com um grande ar de quem apanha alguém descalço...

Corporativas se chamam porque se destinam, realmente, aos membros da corporação cinematográfica.

E' inútil sorrir. O facto dessa corporação não estar organizada não estar organizada não quere dizer que não exista.

Lá fóra, — ao menos, ó meus simpáticos compatriotas, curvem-se mais uma vez ao prestígio impressionante do «lá fóra»; — as apresentações corporativas destinam-se a mostrar um filme novo aos exibidores, candidatos à sua projecção nas suas salas. A crítica não só é admitida, mas convidada a assistir a êsses espectáculos. Pode assim informar o público com antecedência da qualidade das novas produções segundo o seu critério, o que só pode ser considerado prejudicial pelos comerciantes com alma de mixordeiro, que negoceiem em filmes como quem negoceia em bacalhau.

Um distribuïdor de filmes, sendo um comerciante, não pode esquecer, porém, que ganha o seu dinheiro à custa duma arte. No último «plano geral» de «Animatógrafo», dissemos as atenções que à arte merecia o comércio cinematográfico. E' justo que o comércio pague em idêntica moeda, respeitando os direitos morais do espectáculo, tal como quere que êle respeite os seus interêsses materiais.

Não compreendemos a relutância que os distribuïdores portugueses sempre manifestaram pelas exibições prévias dos seus filmes. A verdade é que lhes faz uma confusão de trezentos diabos a ideia de que vão devassar antes de abrir a bilheteira, os segredos dos seus preciosos rolos de celulóide. Para não atribuirmos a avareza — que não é, pois todos êles têm a borla *fácil... — só o explicamos por falta de confiança na assistência.*

Ora nós não acreditamos que os membros da corporação cinematográfica se não saibam portar convenientemente em tais sessões. Sabem todos perfeitamente que, não estando ali por favor, são contudo convidrdos *— o que implica o cumprimento rigoroso das leis eternas da cortezia. Sabem que não é bonito fazer comentários em voz alta. Que não é próprio sair e dizer a tôda a gente que o filme é uma borracheira. Que não está certo que se chegue tarde, incomodando tôda a gente na conquista ruidosa dum lugar.*

Em França, por exemplo, nos estatutos da Chambre Syndicale há um capítulo regulando a forma como deve portar-se a assistência nas apresentações corporativas. Nós não temos câmara sindical, somos todos brutos de nascença, mas quási todos tomamos em pequeno uma dose suficiente de chá para que essa violência ingénita que nos vem dos afonsinhos adquira aspecto compatível com o direito de reünião.

A forma como decorreu a primeira apresentação da Agência H. da Costa é de molde a sossegar os espíritos mais apreensivos.

Só estranhamos a frieza voluntária com que a assistência seguiu as peripécias do filme, que fizeram rir a bom rir, em noites consecutivas o público pagante. E' da mais elementar delicadeza sublinhar com aplausos as melhores passagens do filme projectado durante qualquer apresentação particular. Mas discutir semelhante atitude seria levantar uma questão melindrosa, que várias vezes nos tem ocupado — sempre, confessamo-lo, com resultados negativos.

Foi d -propósito que não nos referimos ainda aos assinantes de «Animatógrafo», que a Agência H. da Costa tem a gentileza de admitir nêsses espectáculos excepcionais.

Partimos do princípio que essa situação de favor iniludível, que a Agência aliás não nos the ae nenhuma forma senrir, é suficiente para implicar o cumprimento de todas as suas obrigações de convidados.

«Animatógrafo» não pode na sua consciência deixar de se pôr incondicionalmente ao lado da iniciativa de H. da Costa, agradecendo em seu nome aos dois únicos jornais que compreenderam o alcance e retribuíram com elegância a amabilidade dos convites: o «Notícios Ilustrado» e o «Diário da Manhã».

Para se fazer alguma coisa disto (referimo-nos à corporação) é preciso teimar e arrostar com a indiferença inexplicável de tanta gente que não sabe o que quere — e pede exacta e sistemàticamente o contrario daquilo que lhe dão. H. da Costa sabe-o tão bem como nós. ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Panorâmica

Não percam a esperança

As duzentas concorrentes do concurso da Tobis que não fôram selecionadas, escusam de tomar já, já, sublimado corrosivo. O filme do Telmo é a procissão que ainda vai na rua. A Tobis portuguesa não tenciona fechar a porta depois de realizar a *Canção ae Lisboa* nem tampouco cristalisar o seu «casting» na dúzia e meia de raparigas felizes que vão interpretar a «Canção de Lisboa». A C. P. F. S. tenciona fazer muitos filmes depois deste, lamentando apenas não lhe ter sido possível principiar há mais tempo. Vai portanto ser necessário contratar mais gente, mais meninas, mais senhores e comprar mais fita virgem para fotografar isso tudo. Vocês estejam descançadas porque talvez tenham cabidela nas «Pupilas do Sr. Reitor» como vocês sabem, são muitas...

«Cinéfilas, precisam-se»

Vimos há dias no «Diário de Notícias», com uma natural surpresa, um pequeno anúncio pedindo ás raparigas que quisessem fazer cinema a fineza de comparecerem nos estúdios da Rua da Esperança, 146-1.° Esq., onde havia necessidade de figurantes para filmes. Não sabiamos de que se tratava e nem sequer averiguamos contentando-nos em achar extravagante a aparição de semelhante anuncio.

Dias depois recebiamos na nossa redacção uma carta da «Associação dos Amadores Cinemetográficos de Portugal» organisação dos pequenos acionistas da Comp. Port. de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm, pedindo a nossa comparencia no domingo 7 nos seus estudios e laboratorios da Rua da Esperança 146 1.° Esq. Como pode supor-se a nossa surpreza cresceu. Cresceu mas não ficou por aí. Hoje recebemos uma nova carta assinada por uma comissão de socios dissidentes daquela organisação pedindo tambem a nossa assistencia à assembleia geral de domingo, onde a referida comissão pretenderá *pôr termo à indisciplina que se observa nessa colectividade.*

Tudo isto nos pareceu imensamente confuso e abstrato. Então os pequenos accionistas da Tobis Portugueza criaram uma associação, possuem laboratórios e estudios e querem cinéfilos desempregados???

Não compreendemos e não queremos fazer comentários por enquanto. Só vendo.

Arthur Duarte

Tivemos o prazer de abraçar o nosso amigo Arthur Duarte, artista português que soube conquistar pelo seu próprio esforço uma posição invejável no meio cinematográfico europeu, e que se encontra de novo em Portugal.

Arthur Duarte que é um amigo devotado do «Animatógrafo», acedeu ao convite que lhe fizemos no sentido de publicar nas nossas páginas as suas curiosíssimas memórias. Todos sabem que Arthur Duarte acompanhou desde o seu início a actividade cinematográfica em Portugal.

Os acontecimentos desses tempos «heroicos» e a sua longa permanencia nos melhores estudios alemães em convivio constante com interpretes e realisadores, são um manancial de revelações e anedoctas que certamente vão deliciar os nossos leitores.










Notas da Canção de Lisboa Vasco Santana José Galhardo Carlos Botelho e algumas selecionadas escrevem para ANIMATOGRAFO

POR OLAVO

«Esteja descançado, Vasco, não venho entrevistá-lo. Esse genero está de tal modo exgotado que já não ha maneira de lhe dar uma forma suficientemente original para não chatear o publico».

O Vasco e o seu pijama de riscas asues sentaram-se num maple e olharam para mim. O pijama parecia admirado com a minha presença e com a minha frase mas o Vasco, *O meu menino*, já me conhecia de gingeira e concordou logo. Realmente uma entrevista era uma estucha!... não para ele, é claro, que estava dispostissimo a ser entrevistado. Mas lá que era uma estucha, era, para o publico e para mim.

Ficámos tristissímos e tentámos reflectir. O pijama do Vasco tambem estava socumbido e reflectia.

Mas nenhuma ideia, nenhuma solução iluminou os nossos cerebros retraidos pelo terror do lugar comum.

Começamos então, sem querer, a falar doutras coisas que não tinham, mesmo nada, aspecto de entrevista e apenas vinham, vagamente, a proposito.

Esboçamos muito a sério uma discussão animada sobre o problema intimo do pijama. — Em casa, dizia o Vasco, estou sempre de pijama. Só me visto de gente para sair, etc., etc....

Voltámos ao assunto do principio. O principal era o seguinte:

Os leitores de «Animatografo» queriam conhecer a opinião cinéfila do Vasco, mas sem entrevista.

Quere você — preguntei — escrever, umas larachas pouco sérias sobre o assunto?

O Vasco é uma pessoa gentilissima e garantiu-me logo, com exagero, que estava radiante com a ideia.

Dava-me o artigo naquela mesma noite.

Fiquei satisfeito mas logo a seguir, desconfiei porque o pijama do Vasco sorria com um cinismo desusado.

Daria o Vasco, o artigo, ou não daria? Isto de actores, pensei, são todos uns aldrabões. Nunca fiando.

Naquela noite não me apareceu ninguem: Nem o Vasco nem o artigo. Adormeci num divan, fulo, á espera:

Mas no dia seguinte (ah! o dia seguinte das tragédias...) bateram levemente á minha porta. Fui logo abrir, ansioso, e o artigo do Vasco entrou em minha casa, aos pulos, vestido á marinheira, gritando: cá está o artigo do Vasco, cá está o...

Tobis or not Tobis

A Tobis já tem três camions: o camion do som, o camion da luz e este vosso criado. O engenheiro Wohlrabe já experimentou os dois primeiros com exito absoluto e um dia destes vai-me pôr a funcionar, para o que o Cotinelli já *desarrincou* numerosos «gags». Eu é que já estou «*gag*» com o susto! Valha-me Deus! Estou cheio de terrôr. O cinema não me sai da cabeça nem a dormir me larga. Ontem tive um pezadelo horrivel!!

Sonhei que estava a filmar em Hollywood e que a «Canção de Lisboa» se tinha transformado na «Lisbon Melody» — e que era um filme «Paramount».

Tinha acabado de me divorciar pela oitava vez da Joan Crawford e o Douglas Fairbanks, filho, raivoso e espumando de ciumes, estava á minha espera com um grande bengalão á porta do meu «bungalow» em Beverly Hills. Saltei àgilmente para o meu magnífico avião de caça e, sempre com o Douglas atraz de mim, vim aterrar na quinta das Conchas onde o Telmo me aguardava impaciente para ouvir a minha opinião sobre uma concorrente do Concurso da Tobis que estava a prestar provas e que vinha muito bem recomendada...

Aproximei-me e — oh, ceus! A concorrente era a Mac-Donald que junto ao piano, experimentava a voz com o maestro René Bohet! Ao ver-me, dirigiu-se-me com ar suplicante, pediu-me que a protegesse na carreira que ela pretendia seguir e entregou-me uma carta de recomendação dum tal Charlie Chaplin actorzéco anglo-americano...

Tomei uma atitude superior e resolvi examina-la com ares entendidos.

As raparigas selecionadas para interpretarem «A Canção de Lisbôa». De cima para baixo — á esquerda Corália Escobar, Maria Leonor, Clotilde Martins e Marcelina Monteiro; á direita: Maria Matos Pereira, Olga Vieira, Polymar e Alzira Cósme.

De repente a cara principiou a alterar-se-lhe; os dentes a crescerem, a testa a diminuir... da garganta sairam-lhe uns sons rouquenhos e a «vedette» transformou-se rapidamente no Mister Hide do *Medico e o Monstro!*

Começou a avançar, a avançar para mim e deitou-me as garras ao pescoço para me estrangular, com volupia. Eu queria gritar e não podia! Um suor frio escorria-me da testa e puz-me a pensar: que pêna!

Agora que eu ia fazer um filme, o que era toda a minha ambição.

E o Cotinelli que me tinha feito um argumento mesmo á medida!

E o José Galhardo que tinha escrito uns diálogos tão engraçados e umas canções tão reinadias! E o monstro apertava, apertava sem piedade e ao mesmo tempo abanava-me, abanava-me furiosamente...

N'esta altura acordei e, em «fondu», apareceu-me o «gros-plan» da minha velha criada, que me abanava e me dizia:

— «O' menino Vasquinho! O senhor Olavo manda pedir o artigo para o «Animatografo» que tem de sair por força depois de amanhã!» —

Dei um pulo na cama e exclamei:

— Ai, Jesus!

E eu que nunca mais me lembrei de escrever o artigo!!

Vasco

Declarações interessantes de José Galhardo sôbre os diálogos para a «Canção de Lisboa»

Convidamos também o José Galhardo a auto-entrevistar-se para o «Animatógrafo». Apareceu em minha casa na quinta-feira ás duas horas da manhã, de taxi, acompanhado pelo Vasco Santana que ainda vinha de pijama com uma gabardine por cima. Trazia o artigo.

Fiquei admiradissimo porque já tinha pensado outra vez que isto de gente de teatro era uma aldrabice pegada.

Afinal reconciliei-me com a classe. São tipos fixes.

Bebemos um Porto que não era mau e o José Galhardo leu o artigo que era bom. Agradeci e falamos de mulheres. Falamos muito de mulheres com a habitual brutalidade que os homens utilizam quando estão sós e chegamos á conclusão fácil de que eramos uns devassos.

Mas deixemos por agora essas loucuras e vamos ler o artigo do José Galhardo que de colaboração com o Vasco Santana está a escrever os diálogos para a «Canção de Lisboa».

A «Canção de Lisboa» — Os diálogos dum filme português

O mesmo argumento pode dar indiferentemente um bom ou um mau filme. Nos tempos do cinema mudo tudo dependia da realização, como tivemos ocasião de constatar ao compararmos *Os Miseráveis* produção americana, que Farnum representou, com o filme europeu do mesmo titulo, interpretado por Gabriel Gabrio, que era moroso e sem interesse.



Hoje, no dominio do cinema sonoro e falado, é ainda a realização o principal factor do êxito, mas nêle outros elementos influem também e, entre êles, com grande relevo, *a forma como o argumento está dialogado.*

O diálogo duma comédia cinematográfica difere inteiramente do chamado «poema» duma obra teatral. Tem de ser mais ràpido, mais incisivo, cortado e os seus efeitos não admitem longas preparações.

Além disso tem de jogar permanentemente com a parte visual do filme, com os seus «gags» e com o seu ritmo variado de imagens, que em nada se parece com o duma peça *de teatro*, encaixada em geral dentro de três únicas cênas.

Há ainda que atender a um ponto importantissimo: a fonogenia especial de cada idioma. Há sons bons e sons maus para o cinema e êsses sons são diferentes de lingua para lingua.

Por tudo isto o filme fala o exige «paroliers» especializados. Os escritores teatrais têm talvez mais facilidade do que quaisquer outros em se embrenharem na técnica especial do diálogo fonocinematográfico, visto que do teatro já trazem regras de simplicidade, estilo corrente e clareza. Mas, que se não iludam! A sua preparação é insuficiente. O que é indispensável, sobretudo, é conhecer *cinema, cinema e mais cinema!* O filme que o dialogador transforma em «teatro cinematografado» é sempre uma obra falhada!

. . . .

Tudo isto eu ponderei quando fui convidado pela Tobis para versejar e dialogar a «A Canção de Lisboa».

Fui obrigado a confessar à minha consciência que era um inexperiente, a-pesar das minhas trinta e três peças representadas e tive momentos de autêntico terror das responsabilidades!

Mas depois pensei: tenho vinte e sete anos, sou furiosamente cinéfilo e estou muito bem acompanhado... *«Alea facta est!»*

Confio cegamente no espirito desempoeirado e inteligente do Telmo, que decerto nos vai dar mais um «edificio» moderno e arejado, como todos os que constrói.

Quanto ao Vasco, *tenho a certeza de que vai triunfar!* A sua alegria, o seu talento juvenil e a sua graça irresistivel, tão comunicativa e tão natural, garantem só por si o sucesso da nossa «Canção»! Habituei-me a admirá-lo sem reservas no teatro e estou certo de que vai ser em cinema aquela estrêla de primeira grandeza cujo brilho já hoje ninguem pode ofuscar em palcos portuguêses.

José Galhardo

Carlos Botelho, assistente de Cottinelli Telmo escreve também algumas palavras sôbre a «Canção de Lisboa»

Carlos Botelho o assistente do Cottinelli Telmo não podia também calar-se neste momento oportuno. A sua colaboração na salada russa que dedicamos hoje ao primeiro fonofilme da Tobis portuguesa era indispensável. Mal lhe falamos nisso e logo o nosso pintor amigo se prestou



De cima para baixo: Zéca Fernandes, Maria Adelaide Boba, Maria Celeste Moreira e Ivonne Fernandes.



O Dr. Antonio da Fonseca falando com os criticos nos escritórios da C. P. F. S.

Foto-Olavo

a escrever para «Animatógrafo» o que pensava sôbre a «Canção de Lisboa» e as inesperadas funções de que se via incumbido. Foi pontual no cumprimento da sua palavra o que muito me espantou porque também não tenho confiança nenhuma na pontualidade dos pintores...

Chut! Silêncio!... o Carlos Botelho vai falar:

Canção de Lisboa — o primeiro filme feito em Portugal por portuguêses. — Este facto representa, só por si, a grande força que vai obrigar todos os colaboradores a pôr na sua execução *tudo o que de melhor souberem*, todo o seu esforço.

Espero por minha parte ser um util assistente do Telmo porque já não é a primeira vez que com êle colabóro; em muitos dos seus trabalhos de arquitectura e decoração, tenho como pintor, dado o meu modesto auxílio.

Alem disso já sômos camaradas desde o tempo do liceu o que nos dá uma falta de prótocolo... que facilita imenso o trabalho.

O filme ha-de resultar bom, porque todos assim o pretendem, constituirá um espectaculo alegre e fresco, pelas suas pequenas, muito engraçado pelos seus actores cómicos, e em que as imagens virão naturalmente ao encontro do publico, sem que o seu cerebro se tenha de cançar a procurar entende-las, porque para se maçar basta a vida de cada dia.

Carlos Botelho

Polymar, uma das mais gentis selecionadas escreve-nos uma carta onde nos fala da «Canção de Lisboa» mas principalmente de si

Só nos faltava agora uma fruta preciosa para completar a salada que tivemos a fantasia de oferecer aos nossos leitores, uma carta duma cinéfila que fizesse parte das dezaseis selecionadas no certame da Tobis Portuguesa.

Não era dificil. Lembrei-me logo da Polymar que era a que eu conhecia melhor e a que eu calculava possuir mais possibilidades de redacção.

Telefonei-lhe: «Precisamos duma coisa escripta por si para o *Animatógrafo*. Diga o que quizer. Fale do filme, fale de si, do mêdo que tem, etc, etc...»

No dia seguinte, chegava a carta da Polymar:

Meu caro Olavo:

«Emfim... temos um Stúdio que é nosso.

Estou doida de alegria porque creio que serei uma das interpretes do primeiro fonofilme realizado em Portugal.

Você deve lembrar-se, Olavo, que, muito, garota ainda, tive sempre uma aspiração que nunca supuz poder realizar: fazer cinema; poder ver-me e ouvir-me confortávelmente sentada em qualquer sala de espectáculos.

E sabe porque nunca supuz poder realisar esta aspiração? Porque nunca pela minha cabeça passou a idéa de poder haver um Stúdio entre nós. Não porque Portugal não seja uma nação digna de o possuir, mas, única e simplesmente porque a maior parte dos portugueses, como meridionais, não ajudariam a realização de tão grande obra. E quando surgiu a idéa de se construir o Studio fiquei num estado de alma absolutamente contraditório: extraordináriamente contente e infinitamente triste.

Contente, porque é na verdade motivo de regosijo para todos nós a idéa do Studio; triste porque supuz acontecer comigo a história do... *há mas são verdes*... e digo isto porque por variadíssimos motivos julguei nunca poder realizar o meu sonho doirado.

Mas... que feliz desilusão se deu comigo!!!

Sim, verei consumado o meu ideal. E agora que já me posso considerar uma interprete da *Canção de Lisboa*, que horrivel mêdo se apodera de mim. A idéa de que todos os meus movimentos, tôdas as minha palavras ficarão registadas!!!

E' assustador, creia.

E quantas vezes sucederá eu estar ingenuamente ouvindo contos, não digo á lareira porque já não se usa, de alguma ama velha e... estar ao mesmo tempo no ecran, travessamente sorrindo para algum galã.

Escrever-lhe-hei muito brevemente.

Um aperto de mão leal da

Polymar

Nos escritorios da C. P. F. S., Cottinelli Telmo fez algumas declarações á Imprensa cinematografica, fazendo tambem a apresentação oficial das dezasseis concorrentes selecionadas

Os criticos cinematográficos receberam um convite da C. P. F. S. para se apresentarem nos escritórios da Companhia, onde o realisador da *Canção de Lisboa* comunicou algumas coisas interessante sôbre o andamento dos trabalhos do seu filme e apresentou o mais oficialmente que poude as dezaseis figuras secundárias femininas da «Canção de Lisboa». (Continúa na pag. 18)











Cottinelli apresentando aos criticos as selecionadas do certame da C. P. F. S.

Foto-Olavo (peliculas Persenso-Perutz).

De cima para baixo: Fernanda Campos Pereira, Lucia Coutinho, Deolinda Gonçalves e o maestro René Bohet.

Hollywood

contra os artistas europeus

O pânico apossou-se da colónia estrangeira de Hollywood.

A causa de tão grave acontecimento está personificada em Murray W. Garsson, secretário do Ministério do Trabalho, o qual chegou há pouco a Hollywood, vindo de Washington com o encargo especial de saber quais são, dentre as vedetas e aspirante a estrêlas, estrangeiras, as que se encontram na América ilegalmente, e certificar-se ao mesmo tempo se as que tiverem de abandonar os Estados Unidos, o fazem realmente sem iludir a possível bôa fé das autoridades da emigração, e o mais depressa que a conclusão dos seus negócios o permita.

O resultado imediato desta atitude do Govêrno *yankee* é o de que a grande maioria dos artistas visados está procurando legalisar a sua situação de estrangeiro e, por outro lado, aquêles a que isso lhe é de todo impossível, tentam por todos os meios dar um aspeeto elegante à sua forçada partida...

E' possível que seja pura coincidência, mas não deixa no entanto de ser curioso o facto do Marquês de la Falaise e sua mulher, Cons-Bennett, terem partido para a Europa justamente três dias depois de Henri de la Falaise, cidadão francês, ter sido chamado à presença das respectivas autoridades... Assim, por este andar, dentro de dois mêses o núcleo de estrangeiros deve estar reduzido a um número limitadíssimo.

Segundo Garsson, qualquer personalidade estrangeira — artista, cenarista, realisador ou técnico — terá de justificar, por meio da respectiva documentação em ordem, a sua presença na livre América.

Os que não conseguirem provar que estão dentro da lei, serão obrigados a partir no mínimo tempo indispensável.

«Não faço ideia do número de estrangeiros que vivem em Hollywood ilegalmente. Mas o que sei é que toda essa gente terá irremediavelmente de voltar aos respectivos países de origem. Vamos convidá-los a saír. Se o não fizerem voluntáriamente serão prêsos e deportados, muito simplesmente».

Entre os artistas estrangeiros cuja documentação está sofrendo investigações contam-se os nomes de George Arliss, famoso no teatro e no cinema, Charles Chaplin, Elissa Landi, Marlene Dietrich, Lupe Velez, Lili Damita, Maureen O' Sullivan, Nils Asther, Talla Birell, Anna Sten, George Brent, Diana Wynyard, protagonista de *Cavalcade*, o tão falado filme da «Fox», Clive Brook, Ronald Colman, Mona Maris, Leslie Howard, David Manners, Colin Clive, o *Frankenstein* do filme do mesmo nome, Lyda Roberti, Benita Hume, Ivan Lebedeff, Lilian Bond, Gwili Andre, Ralph Forbes, Wera Eugels, Boris Karloff, Bela Lugosi, Sari Maritza, Paul Lukas, o Marquês de la Falaise e um grande número de actores de pequena categoria, assim como técnicos, encenadores, argumentistas, etc.

Em resumo, os papeis de todos os estrangeiros serão verificados, especialmente os daquêles que não estejam sob contrato de qualquer emprêsa, visto que quanto aos outros as próprias companhias, na ocasião da assinatura do respectivo contrato, têm o cuidado de verificar se a documentação dêles está ou não em ordem.

Esta atitude das autoridades para com os estrangeiros teve origem, segundo declarou W. Garsson, nos protestos da Actor's Equity Association, onde estão inscritos todos os artistas americanos do teatro e do cinema, e do Lambs Club de New York, composto exclusivamente de actores. Estes organismos desde há tempos que vêm protestando junto do Ministério do Trabalho. Esses protestos referem-se, sobretudo, ao afluxo de actores estranhos, que segundo afirmam, estão espoliando os americanos, pois ocupam situações que a êstes de direito pertenciam.

«Temos sido sempre o mais amável que é possível para com os artistas de fóra, disse Garsson. Temos procurado tratá-los com a maior delicadeza. A todos êles temos concedido licenças de seis mêses para residirem em território americano. Contudo, na maioria dos casos, têm abusado da nossa bôa hospitalidade, ficando o tempo que lhes apetece. Agora, porém, estamos dispostos a acabar com tál. Isto, aliás, apenas com o intuito de protegermos os actores e as actrizes americanas. O que hoje está sendo feito, já de há muito podia ter sido resolvido se os artistas nacionais tivessem feito ouvir, como agora, os seus protestos. Procurei saber a razão dêsse silêncio. Explicaram-me que temiam as represálias dos magnates do cinema. Afinal êsses receios careciam absolutamente de fundamento, porquanto os próprios dirigentes dos estúdios estão colaborando comnôsco, interessadamente.



O célebre perfil de Clive Brook

«E' absolutamente indecoroso oomo as artistas estrangeiras têm usado e abusado no nosso país dos seus privilégios. Legiões dêles, sem terem trabalho assegurado, positivamente ao acaso, chegam a Hollywood, onde a pouco e pouco vão conseguindo uma situação, em detrimento dos nossos compatriotas.

Muitos dêles, até, trabalham mediante salários muito menores do que aquêles com que os americanos costumam fazer-se pagar, mais os prejudicando com isso».

Muitos artistas, mais de uma dezena dêles, prometeram já a Garsson que deixariam Hollywood logo que os seus respectivos negócios pessoais se encontrassem concluídos. Se forem além do tempo indispensável, a lei caír-lhes-á em cima sendo-lhe dado destino quando menos esperarem.

«O projecto Dickstein, nêste momento em discussão no Parlamento, esperando-se quási com a certeza que seja transformado em lei, vem resolver o problema do artista estrangeiro, afirma W. Garsson; ocasionará alterações que devem, pois, afectar grandemente a colónia estrangeira de Hollywood».

«O projecto Dickstein, afirma com convicção Mr. Garason, vai ser um optimo acontecimento para aquêles americanos — homens ou mulheres — que ganham a vida trabalhando no teatro ou no cinema. Ele proíbe terminantemente a entrada na América a artistas, encenadores, técnicos, etc., *a não ser que cabalmente se prove o seu grande mérito, o seu gênio*. Legislação semelhante está, aliás, em vigôr em vários países, no que respeita os artistas americanos. Por isso não deve causar estranhesa a nossa atitude de defesa própria».

«A nenhum actor, actriz, director, escritor ou técnico, que venha tentar aqui a sua sorte, será permitida a entrada. Acabou-se o abuso de, por exemplo, uma actriz gosando um contrato gastar um ano e mais para aprender o inglês, antes que possa aparecer num filme. A's emprêsas produtoras não será permitido contratar ninguém nessas condições, salvo com uma autorisação especial, **além de que não será permitida a presença**

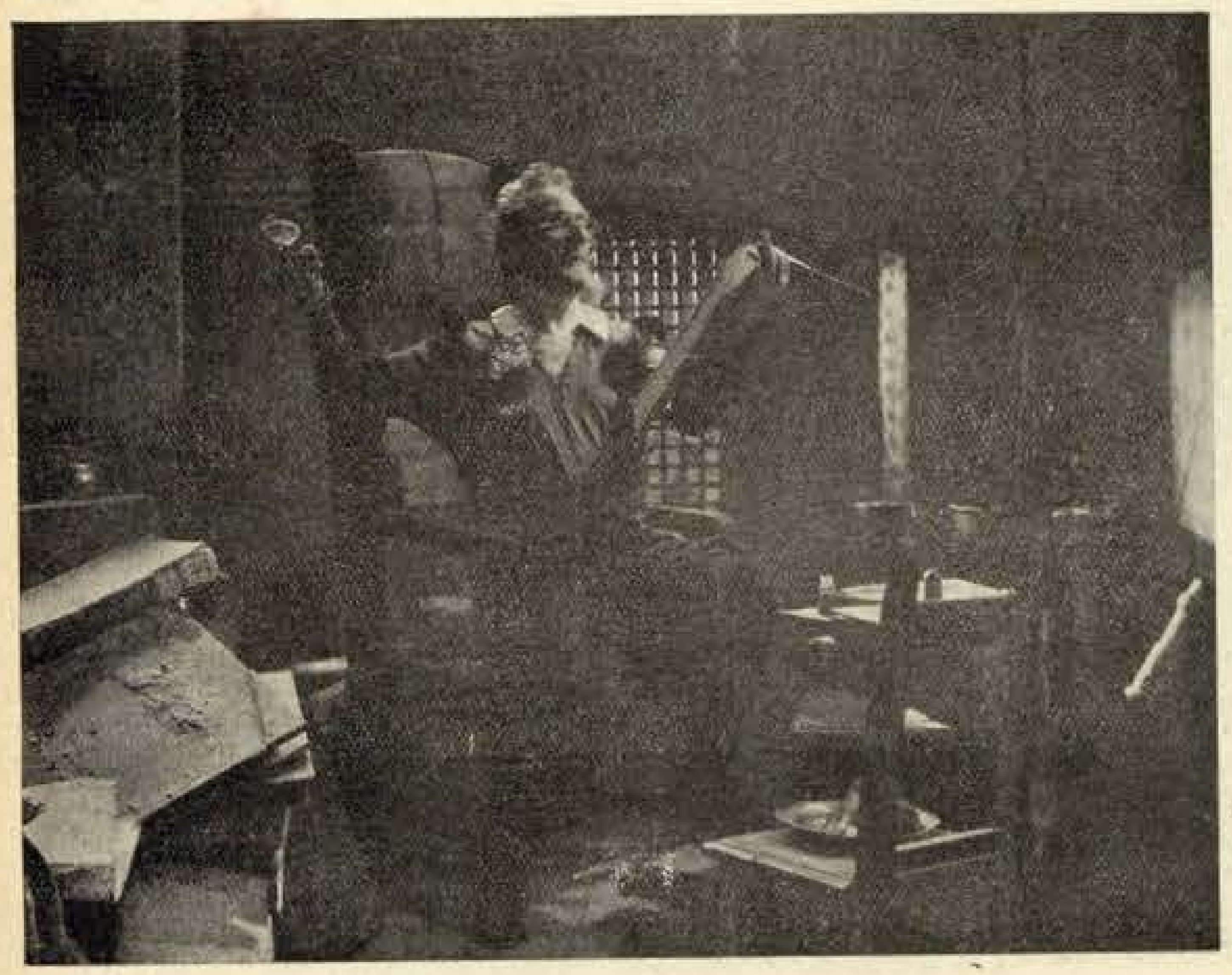
(Conclui na pág. 18)



Bons tempos, aqueles em que Marlene ainda não usava calças...







D. QUIXOTE



PABST, o prodigioso animador de tantos filmes admiráveis, nunca teve mêdo dos as que escolheu para os seus filmes. Desde *A Rua sem sol* que os argumentos do mestre alemão são de molde a esmagar o maiś pintado. *A Tragédia da Mina*, *A Opera de Quatro Sous*, a própria *Atlântida* apresentavam dificuldades de realização quási insuperáveis — para outro que não fôsse G. W. Pabst.

Agora foi mais longe ainda. O seu novo filme é a transposição cinematográfica da obra imortal de Cervantes, *D. Quixote*. Quem leu alguma as aventuras do engenhoso fidalgo adivinha obstáculos que ela antepõe ao realisador. Pabst venceu-os todos, com os seus conhecimentos, o seu gôsto, a sua segurança. E com os colaboradores que sempre sabe escolher. A adaptação cinematográfica é de Paul Morand; os diálogos são de Alexandre Armoux. D. Quixote é interpretado pelo incomparável Chaliapine, que pela primeira vez aparece e canta no ecran. A fotografia é do famoso Nicolas Farkas. Os cenários são de Andreew e a música é de Jacques Ibert.

Ao lado de Chaliapine, veremos Dorville, em Sancho Pança, Donnio, em Simão Carrasco, Arlette Marchal, Mady Berry e outros artistas excelentes.

D. Quixote estreia-se hoje no São João, do Porto, apresentado pela Agência Cinematográfica H. da Costa.

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DE TODAS ESTRELAS

INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS



vai publicar

EXTRAORDINARIAS REVELAÇÕES

sôbre a vida de

GRETA GARBO

Coisas que nunca foram escritas!

CHEVALIER

parte inesperadamente para a América

Maurice Chevalier, que há apenas um mês chegara a França onde viera, segundo ele proprio então o afirmou, com a intenção de interpretar um filme francês feito segundo um argumento de Marcel Pagnol e de reaparecer no music-hall, partiu de nôvo, inesperadamente, para Hollywood a bordo do *Ile de France*, em que viajavam tambem Charles Delac, presidente da Camara Sindical Francêsa da Cinematografia, que se dirige ao Canadá, e Edouard Herriot.

Conquanto nada de positivo se saiba, há no entanto quem relacione essa subita partida com o boato ultimamente posto a correr do proximo casamento de Maurice com a condessa Henriette de Hasse, divorciada do Conde Alain de Villeneuve e residente na California. Tanto mais que Chevalier declarou aos jornalistas que estaria de volta á França dentro de dois mêzes.

Charles Rogers

volta ao cinema

Charles «Buddy» Rogers, que chegou a ser, aqui há uns anos, a figura masculina de maior prestigio no elenco da Paramount e um dos mais populares galãs do cinema americano, quando há cerca de dois anos terminou o contrato que o ligava aquela emprêsa, não só esta lho não renovou como não conseguiu, até, ingressar em qualquer outra companhia. Por isso se viu obrigado a organisar um grupo de Jazz que depois de aparecer em 1931 no Ziegfeld Follies na revista *Hot-Cha*, de que Lupe Velez fazia então parte tambem, percorreu em *tournée* os Estados Unidos.

Agora porém, as suas admiradoras fieis teem motivos bastantes para se considerarem felizes: Charles Rogers voltou finalmente ao cinema, estando neste momento interpretando ao lado de Marion Nixon o filme *Five cents a glass* (Cinco centimos o copo), uma pelicula da nova série dos «filmes de cerveja» que presentemente entusiasmam os produtores de Além Atlântico . . .

MARLENE

vai interpretar "NANA"

Segundo informações muito recentes, de origem americana, a noticia do proximo ingresso na Fox de Joseph von Sternberg e de Marlene Dietrich, logo que esta tivesse concluido «Song of Songs», parece não se confirmar. Assegura-se antes, que Sternberg e Marlene assinaram já um contrato com o produtor Samuel Goldwyn, recem-chegado da Europa, para a realisação de dois filmes. A primeira dessas peliculas será a adaptação cinematógráfica de *Nana*, o conhecido romance de Zola, ideia de que há muito Sternberg acariciava.

De *Nana* foi feita já ha uns anos em França uma versão que Jean Renoir dirigiu e Catherine Hessling, Werner Krauss e Jean Angelo interpretaram.

POLA NEGRI ESTA' EM FRANÇA

Pola Negri, não ha ainda muitas semanas, foi julgada pelos tribunais franceses por um processo de perdas e danos que lhe intentou a empreza Cineromans, a qual se viu forçada a contratar Marcelle Chantal para interprete do *Colar da Rainha*, realisado há uns quatro anos, em virtude de Pola se recusar terminantemente a interpretar uma scena desse filme em que tinha de desmudar um seio!

Pois agora acaba de chegar a Paris acompanhada de sua mãe, senhora francesa, em gôso de alguns mêses de férias.

Pola Negri, que terminou há meses para a Radio o filme *A Woman Commands* em que, segundo a opinião de critica estrangeira, ela tem uma actuação primorosa apesar do pouco valor do filme, voltará a Hollywood em principios de Agôsto para, sob as ordens de Ernnst Lubitsch, interpretar um filme cuja acção se passa em Viena antes da guerra e no qual Pola incarna uma famosa artista de teatro do tempo. A seguir Pola Negri deverá aparecer num teatro de New York na peça *Voyage á Presbourg*.

Depois de *Madame Dubarry* de *Sumurum* e de *Paraiso Proibido* será, assim, uma vez mais dirigida por Lubitsch, seu conhecido do velho tempo do cinema alemão.



BETTY COMPSON

casou com Jimmy Walker

Betty Compson, uma boa actriz a quem o fonocinema tem tão pouco favorecido, acaba de se casar.

O novo marido de Betty é nem mais nem menos que o antigo governador do Estado de New York, o célebre Jimmy Walker, a quem uma série de escandalosas negociatas em que estava envolvido, e feitas á sombra do seu elevado cargo, forçou a abandonar tão importantes funções. O enlace realisou-se em Cannes, onde os noivos residiam desde há algumas semanas.

Betty estava há três anos divorciada do enscanador James Cruze.

O ultimo filme de Betty é *Destination Unknown* (Destino desconhecido) da Universal.

Henry Garat

vem á Europa

Henry Garat, que a Fox, tal como fez a Lilian Harvey, levou da Europa para o incluir no numero das suas estrelas de primeira grandêsa, terá Lilian Harvey como *partenaire* no seu segundo filme para aquela empresa.

No entanto, logo que *Adorable*, que presentemente está interpretando com Janet Gaynor, esteja terminado e antes de ser iniciada a realisação daquele autor, Henry Garat virá á Europa outro interpretar dois novos filmes. Um deles será feito por conta da Paramount e o outro para a U. F. A. Espera-se pois, por todo este mês de maio, a chegada de Garat a Paris.

Flashes

Monte Blue, o interprete de *Sombras Brancas* está agora interpretando, depois de uma longa ausencia da tela, o filme da Allied Pictures *Officer 13*.

■ *Cracked Ice* (Gêlo quebrado) de que os irmãos Marx são os protagonistas é uma parodia aos filmes passados no Polo Norte.

■ Ronald Colman que recentemente acabou de interpretar *Cynara* deixou Hollywood por Inglaterra, onde se demorará alguns mêses.

■ J. Darsie Lloyd, pai de Harold, chegou agora a Hollywood acompanhado de sua nova mulher, Helen Marshall, depois de cinco mêses de lua de mel.

■ Barry Norton, que desde *Mata Hari* andava afastado dos estúdios está presentemente interpretando para a Paramount *Luxury Line* de que são interpretes tambem Alice White, Georg Brent, Zita Johann e C. Aubrey Smith.

■ A repartição dos impostos acaba de reembolsar John Barrymore em 40 mil dolares cobrados indevidamente em 1929.

■ A Metro vai realisar uma nova revista que intitulou, como a que fez em 1929, *Hollywood Revue*, na qual aparecerão todas as suas vedetas.

■ Gladys Lloyd acaba de presentear seu marido, o actor Edward G. Robinson, com um filho.

■ Cecil B. de Mille o famoso realisador de filmes de grande aparato, tendo concluido há mezes para a Paramount *O Sinal da Cruz* vai dirigir *The End of the World* (o Fim do Mundo).

■ Anuncia-se que Phillps Holmes o explendido interprete de *O Homem que eu Matei* e *Um Valente*, se vai casar com Florence Rice, filha dum milionário da Califórnia.

■ Janet Gaynor renovou com a Fox o seu contrato por um periodo de mais um ano. Janet assinou o seu primeiro contrato com a Fox há seis anos, para *Hora Suprema*.

■ Mirian Hopkins e Frederic March vão ser os interpretes principais do filme da Paramount *The Great Magoo*.



RENE CLAIR

mestre-encenador, discípulo de

CHARLIE CHAPLIN

TRÊS FOTOGRAFIAS E UM ARTIGO ELUCIDATIVOS

DIZER que René Clair se inspira em Charlie Chaplin não é dar novidades a ninguém. Muito pouco se tem escrito contudo àcêrca dessa influência, não sabemos se em atenção a Clair se em atenção a Chaplin, e nunca lemos nada de preciso no sentido de ver até que ponto ela se exerce.

Não julgamos inútil nem inoportuno reparar essa falta, uma vez que René Clair é, sem dúvida alguma, a personalidade cinematográfica europeia mais digna de interêsse — Pabst e Fritz Lang já estão pouco menos que esgotados como «temas» cinéfilos — e porque se estreia amanhã em Lisboa o seu último filme.

Nós já o vimos, por dever de ofício. Mas experimentámos, como qualquer cinéfilo irresponsável, o prazer espiritual que sempre nos provoca uma obra notável de cinema. Não sendo o melhor filme de Clair — ó inolvidável *Milhão*, inolvidável *Chapéu de Palha de Itália!* — é com certeza o mais humano, o que mais se aproxima da concepção realista do cinema, concepção que aliás só tem a nossa simpatia quando se apoia na fidelidade documental dum *Scarface*, no significado social duma *Tragédia da Mina* ou na psicoanálise profunda das *Raparigas de Uniforme*. Entendemos desde sempre que as realidades vulgares do dia a dia não têm, por si só, interêsse cinematográfico. Como Eisenstein, nós somos pelo «filme de atracções», forte como espectáculo e consistente como obra de arte. Essas «atracções» podem ir buscar-se ao menos sugestivo *fait-divers*. Mas a preocupação da simplicidade não deve levar se ao exagêro de procurar imitar a vida na sua desoladora monotonia.

E' certo que houve um homem — Carl Dreyer — que conseguiu realizar um fita empolgante em redor da mais banal das histórias banais. Mas não nos esqueçamos de que, em *Amo e Senhor*, as «coisas» assumiam uma importância que não têm na vida, constituindo portanto *et quand même* — atracções.

O mesmo acontece nos filmes de Chaplin, onde tudo se passa no menos pitoresco dos mundos entre as personagens mais sem-sabor, mas onde as acções da figura central — Charlot — bastam para transportar tudo para além da vida, instalando-nos nos domínios próprios do cinema.

Em «14 de Julho» (como em «Sob os Telhados de Paris»), René Clair esqueceu-se por vezes de nos transportar. Nenhum filme de René Clair, contudo, se aproxima tanto da maneira de Chaplin. Não se sente o modêlo, claro está. Clair tem personalidade de sobejo para não recorrer ao pasticho servil. Mas adivinha-se a obsessão constante de seguir os ensinamentos do mestre do *Peregrino* e da *Quimera*.

Deve atribuir-se em grande parte a culpa dessa «mania» aos críticos que o incensaram a propósito do *Milhão*, comparando, não sem motivo, o lirismo de certas cênas no palco da Opéra-Lyrique e os idílios de *Charlot ao Sol*. René Clair sentiu-se desde então discípulo oficial de Charlie Chaplin, a quem, declaradamente, já admirava acima de todas as coisas. E, mesmo sem querer, povoa os seus filmes de *chaplinices* tão visíveis que ressaltam da simples comparação de duas fotografias.

Que ninguém suponha que pretendemos diminuir com esta afirmação os méritos de Clair! Pelo contrário, deve admirar-se nêle o único realizador que conseguiu, sem sacrifício do seu próprio talento, «apanhar» a maneira inconfundível do mestre, que é cinema puro. Lubitsch, no seu famoso «Leque de Lady Margarida», conseguira sòmente equiparar-se a Chaplin na limpidez impecável da técnica.

Depois, o espírito latino de René Clair, a sua argúcia crítica de francês, a sua *morgue* de parisiense — flutuam e prevalecem a-pesar-de tudo. O chauffeur de «14 de Julho» tem o bigode e as calças de Charlot, mas fala o mais castiço *montmartrois*; a florista, que pode evocar a das «Luzes da Cidade», tem um coração de *midinette* autêntica; os garotos não podem ser filhos de judeus; os figurantes são verdadeiros *salespiétons*... E bastava a presença do velho pândego encasacado, a mais *lairiana* das personagens, para que a fita tivesse um cunho pessoal — e intransmissível... E' certo que até êle, desta vez, imita um couco os hábitos borrachos do milionário de *City Lights*... Mas não puerm os seringar o leitor com mais comparações.

Em todas as artes existem fontes a que, não só não fica mal, como até se aconselha, ir beber inspiração. Mais ainda: seguir à risca is suas indicações, as suas fórmulas, o seu estilo é prova cabal de probo dade e de com gôsto artístico.

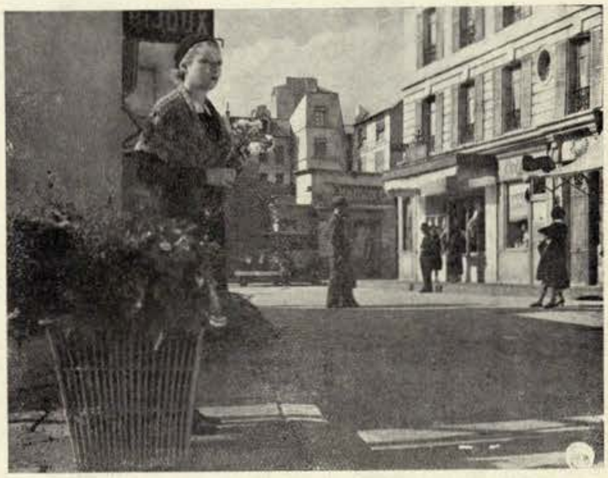
Da assimilação útil dos clássicos só pode resultar um módulo perfeito, muita vez mais belo e sempre mais consistente que da febre petulante de inovar a tôrto e a direito.

Se alguns autores de cinema merecem a designação de clássicos, Charlie Chaplin figura à cabeça de todos êles. As suas obras menos *réussies* são prodígios de compreensão do animatógrafo. Um realizador que procure seguir o caminho traçado desde *Charlot e o piano* até à *Quimera do Oiro* (*O Circo* e as *Luzes da Cidade* são apenas obras de antologia, de revisão do próprio valor...) pelo mago de La Brea Avenue só pode merecer elogios dos críticos mais exigentes.

René Clair, uma das mais apuradas sensibilidades do mundo do cinema, não poude furtar-se ao gôsto de segui-las. Fá-lo da maneira mais hábil, mais serena, sem invocar em holocausto de Chaplin nenhuma das suas faculdades pessoais.

E' um discípulo e è um mestre. Porque há que não ligar, por uma vez à ideia de discípulo a ideia de inferioridade em relação a outrem, quer em conhecimentos, quer em capacidades. Chaplin é o primeiro a dar o exemplo, intitulando se sem vergonha discípulo de Max Linder.

A. L. R.





CRONICA DE COIMBRA

DE HAROLD LLOYD AOS IRMÃOS MARX

TODOS nós, convictos e entusiastas apologistas do cinema, sabemos com que desprêzo e repugnância certos indivíduos, que a si próprios se designam como *cultos*, como *intelectuais*, o consideram, quando por acaso desdenham referir-se a essa *pseudo-arte*. E é curioso que tais indivíduos se utilizam para êsse fim de *provas* que não os desmentem, indubitávelmente: os maus filmes! E' como se quizessemos provar a inferioridade da poesia, do romance, do teatro, etc., etc., citando únicamente os maus versos, os maus romances, as más peças de teatro! Mas deixemo-los em paz com as suas convicções; são doentes incuráveis, e não vale a pena discutir: voltemos-lhes as costas!

Há porém uma outra espécie de inimigos do cine: são os que pretendem que êle nos dê precisamente aquilo que ninguém tem o direito de lhe pedir; os que são incapazes de compreender que o cinema tem a sua técnica própria, que não pode substituir nenhuma outra arte, e que precisamente o seu valor está na sua incompatibilidade com as fórmas de expressão artistica anteriormente conhecidas. E' por isso que tantas vezes dizemos dum filme: é mau teatro, ou é má literatura.

O cinema é um instrumento de visão inteiramente novo: e a arte do cinema precisa de se libertar das sugestões de maneiras de ver já usadas, e cujo emprêgo só lhe pode ser desfavorável.

Foram estas reflexões sugeridas por dois filmes recentemente vistos: *Louco por Cinema*, de Harold, e *Agulha em Palheiro*, dos irmãos Marx. O Riso tem sido, desde o nascimento do cinema, uma das suas cartas melhor jogadas.

A técnica do cinema presta-se a efeitos únicamente cinematográficos, a *gags* que nada devem ao passado de qualquer outra arte. Ora, o perigo está em não haver sempre a audácia necessária para aproveitar essas qualidades. Aqui temos dois filmes: o de Harold é, para meu gôsto, dos seus melhores, duma sobriedade excepcional, muito equilibrado, sem abuso de situações absurdas. Com efeito, a *maneira* de Harold só tem a ganhar com a normalidade das situações: provocar situações excessivas é inútil e prejudicial, pois a personagem que encarna, a do desastrado, exprime-se perfeitamente nas situações mais banais. Pelo contrário, o género do filme dos irmãos Marx é completamente diverso: aqui é o absurdo que deve predominar, pois o riso é procurado precisamente pela imbecilidade e pela inécia das situações. Harold é um tímido desastrado que nunca está à altura de nenhuma situação (Há mesmo no filme um fragmento de diálogo que o define até ao intimo: é quando a estrêla que o ama lhe pede um beijo, e ante a hesitação de Harold, tem esta frase admirável: — Não penses, senão atrapalhas-te!). Em *Agulha em Palheiro* há apenas a fantasia sem pés nem cabeça: Ora é aqui que me permito tomar a atitude da maioria do público — o qual não ficou lá muito entusiasmada. Certo é — perdôa, ó Público! — que não é precisamente pelas mesmas razões que eu não gosto. E' até por razões completamente diversas! O público, que mesmo quando ri gosta de lógica, achou o filme disparatado. Eu — perdôa mais uma vez, simpático Público! Não te zangues! — achei-o pouco disparatado. Pois se o absurdo, a inverosimilhança cómica, o disparate são a base do talento clownesco dos Marx, quanto mais absurdo, inverosímil e disparatado fôsse o filme, melhor teria atingido o seu objectivo! Acuso *Agulha em Palheiro* de ser demasiado sério, duma incompleta audácia na obtenção da poesia do absurdo. A propósito dêste, e dum outro filme dos Marx, que não vi, tinha eu lido vários artigos que precisamente elogiavam essa alada fantasia, essa invenção desregrada, sangue novo para a arte de fazer rir. E fiquei desiludido. E' só isto? Ora, ora... Quanto se poderia fazer com artistas como os Marx! Porque suponho que se deve atribuir ao realisador a insuficiência do filme. Ou talvez ao autor do cenário. Que importa? O certo é que se perdeu uma ótima ocasião de nos dar um grande banho de autêntica fantasia cómica.

O público, mais uma vez, revelou o fundamental amôr da lógica que caracteriza o português. O que não quere dizer que o português seja lógico. Ai de nós, que tanta falta temos dela! Não, este amôr da lógica é um aspecto do medular *carrancudismo* nacional. Pois *podia lá ser* que se dessem coisas daquelas! E' assim que o português raciocina. Não tem mesmo asas nenhumas para a fantasia. E' incapaz de sentir que grande banho de liberdade, que ótima limpêsa do excesso de seriedade a que estivemos sujeitos durante o dia, nos pode dar a poesia do absurdo. Sempre esta preocupação do *parecido*, que faz dizer que uma tela de Picasso *não se percebe*, que a música de Ravel *não se percebe!* Mas quando se compreenderá que a cópia e a imitação, ninguém é obrigado a aceitá-las?

Bem te conheço, virus realista! E's tu que te infiltraste em toda esta gente, e andas a matar a fantasia e a invenção, o absurdo e o inverosímil! Pois vivam a fantasia, e a invenção, e o absurdo, e o inverosímil!

Irra!!

ADOLFO CASAIS MONTEIRO



Harold Lloyd, visto por Covarrubias

CRONICA DO PORTO

«14 de Julho»

A corda da nossa sensibilidade bairrista vibrou mais uma vez: foi dada ao Pôrto a primasia de ver e ouvir «14 de Julho».

Como é natural, o Pôrto que tem aspirações a desenvolver-se e aproximar-se, em tôdas as manifestações de vitalidade, da sua eterna rival, Lisboa, sempre que os homens o brindam em primeiro lugar com uma deferência, «faz peito», enche-se de orgulho, não como a rã do arcaico Fedro, mas justo e prudente — *à altura das circunstâncias.*

Êste estímulo que a vontade de se aproximar, tanto quanto possível de Lisboa lhe dá, tem sido um dos grandes factores do progresso tripeiro.

Se o Pôrto conquista um primeiro lugar num certame industrial, se inaugura um estabelecimento comercial que é o melhor do país no seu género, se leva a melhor à Capital numa prova desportiva, a população, habitualmente indiferente a qualquer dessas manifestações, exalta por indução.

Prova isto, simplesmente, o valor que os tripeiros reconhecem a Lisboa, cidade que vizitam por prazer, quando não por vicio e que é a melhor joia que, como portugueses, gostam de fazer fulgir deante dos olhos dos estranjeiros.

Portanto, tratando-se dum filme, de valor antecipadamente admitido como irrefutável, que se exibe no Pôrto ainda antes de ser passado na Capital, está erguida a primeira flámula do seu triunfo.

Depois, é um filme de René Clair, que conquistou a gente tripeira com «Sob os telhados de Paris» e com o «Milhão», películas que não esquecem, das que deixam saüdades...

Há, também, um elemento que contribui em grande parte para a vitória do filme: o ambiente em que a acção decorre, que, conquanto seja muitíssimo parisiense, é também, muito latino.

A vida de Paris por detrás dos «boulevards» assemelha-se de certo modo à de certos bairros do Pôrto e de Lisboa.

O «14 de Julho» é a festa popular dos franceses, assim como o Santo António e o S. João são os dias de gáudio dos alfacinhas e dos tripeiros.

Há balõesinhos nas ruas e nas janelas, cordões extensos de flôres entrançadas, harmónios nas mãos dos conquistadores e sorrisos sedutores na bôca das pequenas.

Deve ser assim o «14 de Julho».

Desilude-te, pequena ..

PORQUE sei da insistência com que todas as manhãs — e todas as noites — te miras e remiras no espelho, enlevada pelo prazer naturalissimo de te saberes bonita, considero-me, porque sou teu amigo, na obrigação de ensinar-te a vêr melhor, de abrir-te os olhos, os olhos da razão — bem entendido...

Antes e depois de mim já muitos homens te chamaram bonita, com maiores ou menores filigranas de lisonja, despertando em ti o orgulho e a vaidade que, pouco a pouco fôste cultivando e que hoje, a muito custo, consegues dissimular.

Todos nós — eu e os outros — fomos para ti uns péssimos conselheiros, pois que alimentamos aquilo que havia em ti de menos valioso, de mais banal, fugaz e inconsistente: a beleza exterior.

Sinto hoje a nostálgia, quási remorso, do arrependimento, por ter contribuido para que tanto tenhas cuidado de estilizar-te, perdendo horas e horas seguidas no toucador, compondo a ondulação, carminando as faces e os lábios, traçando o parentesis das sobrancelhas e rendilhando as pestanas.

Essa adoração que cultivas por ti própria gerou no teu espírito a idéia de que poderias um dia dedicar-te ao cinema e ser em Portugal aquilo que é no seu país a *estrêla* da tua preferência.

Sei que lêste no «Diário de Notícias» a comunicação de que, em Lisboa, as raparigas, bonitas como tu, estavam a ser submetidas a provas de selecção para a constituição do elenco feminino que há-de aparecer no primeiro fonofilme português. Fôste tu quem mo disse, com a alegria a iluminar-te o olhar, e eu poude, por falta de coragem, confessar-te o que pensei a tal respeito.

Andas sobressaltada, contando que a fotografia que enviaste ao «Diário de Lisboa» há-de vencer a todos à primeira observação.

Sossega, sê calma, não vás tam depressa, ouve-me primeiro.

Noutro tempo, antes do cinema te ter invadido os sentidos, tinhas outras vocações; perdias noites entregue a leituras que eu te escolhia e ocupavas as horas disponíveis do dia com o piano, no qual tentavas interpretar os clássicos teus preferidos ou buscavas o acompanhamento para as canções em voga, que trauteavas.

Aparte o exagêro das leituras servidas sem moderação, tinhas nêsse tempo uma frescura natural, que hoje não possues.

Cuidavas menos de ti, da tua estética — re-

(Continua na pag. 18)

CRITICA

Seis horas de vida

(Six hours to live)
de WILHELM DIETERLE

E' difícil encontrar argumento mais confuso, mais pretencioso e ao mesmo tempo mais ôco e vazio. Não foi a ressurreição do homem que nos causou engulhos. Essa fantasia admite-se, da mesma maneira por que se admitiu a transformação do Dr. Jekyl em Mr. Hyde no *Médico e o Monstro*.

Evidentemente que ninguem acredita que um qualquer mortal, se beber um certo caldinho misterioso, deixa de ter mão em si e fica abandonado aos seus instintos bestiais, para já não falar na metamorfose física, que de resto era desnecessária. Mas finge-se que se acredita, faz-se essa concessão sem esfôrço, desde que ela sirva para alguma coisa. Aqui semelhante condescendência é mal empregada, porque não se souberam servir dela e custa a conceber porque a história não nos preparara para isso.

O capitão Oslow, delegado da Sylvária a uma conferência económica mundial, ama uma donzela, que no princípio é valente e depois é piegas, e que além de tudo é duqueza. O capitão defende os interêsses do seu país ferozmente, desafiando a morte que uma turba exaltada e uns impassíveis asiáticos de olhares frios lhe prometem. A duqueza pretende que êle deixe tão perigosa carreira e, quando o capitão a isso se resolve, é assassinado. Então um sábio reinadio ressuscita-o por seis horas. E o nosso homem aproveita êsse suplemento de vida, que é todo o seu futuro, para deixar os negocios arrumados: vai à conferência cumprir o seu devêr de patriota, endôssa a amada a outro e castiga o seu assassino. Depois torna a falecer, agora de vez, mas não sem ter escangalhado a traquitana do sábio, porque — diz êle — o mistério da morte pertence a Deus e não ao homem.

Esta trapalhada, com vários episódios de obscuras intenções a complicá-la ainda mais, foi puxada á transcendência e apresentada como um assunto profundo que merece reflexão. Mas o público riu-se e julgamos que teve razão.

A maquineta milagrosa e a não menos milagrosa operação, fazem lembrar demasiadamente a cena célebre do *Metropolis* para que mereçam consideração especial. E aí era fácil serem originais.

O começo é francamente bom e prometia outra coisa. Há uma cena bem achada e que é autêntico cinema sonóro. E' aquela em que Oslow e Kranz conversam sôbre a mulher que ambos amam. A «presença» dela no espirito deles, e no nosso, é sugerida pelo som do piano que ela toca numa sala contigua.

Warner Baxter, John Boles, Miriam Jordan, George Marion e os outros, bém. Mas não fizeram nada que nos espantasse.

A Grande Corrida

(High Speed)
de D. ROSS LEDERMANN

Para um filme de aventuras não há melhor argumento do que aquele que reúna condições de movimentação e simplicidade. E' o que se dá com *High Speed*. A novela não é pior nem melhor do que a maioria das novelas congéneres. Se não é grandemente original, também não é das mais disparatadas.

Mas o principal mérito do filme está na sua realização. Souberam animá-la, dar-lhe movimento, rapidez. As corridas de automóveis foram filmadas com grande entusiasmo e todos os episódios foram igualmente tratados com brio. Além disso tiveram também o cuidado de não se deixar arrastar para o convencionalismo do género.

A interpretação justa, em especial por parte de Buck Jones, muito sóbrio, e de Mickey Mc Guire (que não é senão o Mickey Rooney do *Cow-boy e o Rei*) e que decididamente não é um garoto vulgar.

Caçá-los vivos!

(Bring'em back alive)
de CLYDE E. ELLIOT

A opinião de certas pessoas que atacam um filme porque nêle há truques, mesmo quando inexcedívelmente bem feitos, consideramo-la tôla — e é óbvia a razão. Mesmo num documentário os truques são permitidos, porque não há possibilidade muitas vezes de conseguir determinados efeitos doutra maneira. Mas é preciso que esses truques, além de serem bem realizados, sejam justificados pela dificuldade de certas cenas.

Ora em *Caçá-los vivos* nada disto se observa. Salta aos olhos, desde as primeiras imagens, que tudo aquilo foi preparado em qualquer parque zoológico dos arrabaldes. Nada daquilo tem um ar sério e parece espontâneo. Vê-se do princípio ao fim o sr. Frank Buck apanhar féras vivas, que outro, antes dêle, já capturara. O explorador anda pela selva de sapatos, como nós andamos pelo Chiado. A bicharada passeia na floresta pacatamente, até que se encontrem dois especimens, porque nessa altura temos pancadaria. E' um verdadeiro campeonato! O tigre contra o crocodilo, o crocodilo contra a gibóia, a gibóia contra o tigre. Não se sabe quem fica campeão porque os *matches* são todos nulos. Claro está que essas lutas, embora combinadas como uma exibição de box, conservam aquêle mesmo interêsse objectivo que tem um combate de galos ou qualquer outra cena de pugilato.

Tôdas estas aventuras sensacionais são apresentadas com uma falta de imaginação absoluta e pelo processo mais simples que pode haver: intercalaram planos de feras com planos do explorador, para convencer a gente de que êle assistiu àquilo tudo, misturaram o melhor que puderam e ficaram muito esperançados que a ilusão resultasse. Mas não resulta coisa nenhuma. Só com muito bôa vontade se acredita que o elefante pequenino tem alguma coisa que vêr com os elefantes grandes ou mesmo com o tigre que... o persegue.

O grande público, êsse mesmo público que sustenta a fôlha de despêsas de todos os jardins zoológicos do globo, vê a bicharada e gosta muito. Mas ao sair do cinema vem com cara de desconfiado — e isso é engraçado de observar.

Caçá-los vivos pode ser apontado, enfim, como um dos mais completos especimens dessa nova forma de *bourrage de crâne* que os produtores cinematográficos criaram. Por isso com razão Henri Jonson, no *Voilá*, o classificou assim: *Ce n'est pas un documentaire—c'est un «documenteur»*!

Que custa um beijo?

(Stranger's may kiss)
de GEORGE FITZMAURICE

Foi pena que George Fitzmaurice — um realizador que sabe o que faz — não tivesse procurado desembaraçar-se dos longos diálogos que se arrastam no filme. Uma alta-comédia não precisa de ser muito falada, ainda que á primeira vista isso pareça impossivel.

Lubitch mostrou que se pode tratar cinematográficamente um assunto de alta-comédia quando fez o *Leque de Lady Margarida*, de saúdosa memória.

Mas porque é que foi pêna que Fitzmaurice não tivesse tido uma maior preocupação de «fazer cinema»? Só por isto, que é pouco, mas que infelizmente se vai tornando cada vez mais raro: o assunto embora discutivel, não é disparatado. Os sentimentos das personagens estão certos, compreende-se porque procedem como procedem, pois só assim era lógico que procedêssem. Evidentemente que a nós portuguêses, habitantes pacatos dêste cantinho provinciano, aquela gente parece demasiado falsa, *literáriamente falseada*. E ainda bem. Mas isso não quere dizer que não exista. Aquela rapariga de educação «moderna», a quem um caso familiar faz perder o gôsto pelo casamento, e que não fica a crêr senão no Amor, com um grande A, não é uma mera fantasia de novelista falho de assunto. Ao que a arrasta essa maneira de vêr e o meio em que vive, não vale a pena aqui falar.

Basta dizer que uma desilusão de amôr a atira para uma vida mais que frívola. E o final — um *happy end* sensato — não custa a aceitar: aquêle homem devia-lhe o casamento como uma reparação.

Isto passa-se entre gente de dinheiro — casacas, *toilettes* luxuosas, automóveis caros — e em lugares de prazer cosmopolitas — Nova-York, Biarritz, Paris. E' um meio que agrada ao público, á maioria. Desforra-o da sua mediocridade. O filme ter-lhe-ia agradado em cheio se não fôsse a lentidão de certas cenas. A subtileza da representação não basta para o entreter. Mas apesar de tudo é na interpretação que está o maior factor de agrado do filme. Não é possivel representar melhor. Norma Shearer, Irene Rich, Neil Hamilton, Robert Montgomery, Marjorie Rambeau — que belo *cast*! Até para uma espanhola episódica foram buscar Conchita Montenegro. E que bem que ela dança! Mas quem merece um bravo especial é Norma Shearer. Decididamente esta mulher é um caso sério. Não se pode ter mais distinção, ser-se mais bela e representar com maior naturalidade e subtileza.

Não deixaremos de dizer que o inicio do filme é especialmente feliz, e também notaremos que o ambiente mexicano e a «nota» espanhola foram dados com aquela ingénua simplicidade de que os americanos têm o segrêdo.

Actualidades

Esta semana a Fox apresentou nada menos de quatro jornais: o 66, o 67, o 68 e o 69. Nenhum dêles é famoso.

Num vemos dois ou três acontecimentos de interêsse e muitas outras coisas mais que banais. Outro é constituído por um «Magazine Fox Movietone» de grande valôr documental mas que nunca póde ser considerado como actualidades». Por isso o apreciaremos na secção das culturais.

Os outros dois seguem na mesma ordem de ideias. Umas larachas sem importância, outras coisas interessantes, mas já pertencentes a um passado longinqüo. Alguns dos assuntos focados são curiosos pelo caracterísico, outros valorizam-se pelo contraste, como por exemplo os dois aspectos da manada de bufalos na neve do Wioming e da pesca do atum nas costas ensoalhadas da Sicilia.

Mas isto não basta. Temos o direito de vêr «actualidades» autênticas, queremos hot news!

E cá ficâmes à espera de que os exibidores se resolvam a atender esta nossa exigência que é tudo quanto há de mais justa.

Desenhos animados

Circo Encantado — *Não se sabe quem é o autôr deste desenho animado, e è pena. Porque é do mais engraçado que se tem feito. O que e pêna é que não seja melhor desenhado e construído. E por que será que o desenhador não procurou criar tipos novos e se limitou a imirar? E' essa a principal inferioridade dêste desenho.*

VIMOS EM LISBOA...



«Caçá-los Vivos» documentário de lutas entre féras na selva asiática



Warner Baxter, Mirian Jordan, John Boles e George Marion em «Seis horas de Vida»



Norma Shearer, Robert Mont Gomery e Neil Hamilton em «Que custa um beijo?»



Joan Bennett, Spencer Tracy e James Kirkwood na comédia «A procura dum Milionário»



Buck Jones, Mickey Rooney, Loreta Sayers e Wallace Mac Donald «A em Grande Corrida»



José Mojica, Mona Maris e Andrés de Segurola interpretam «O Bandido Mascarado»

Aldrabão á fôrça

(Le roi des Schlemihls)
de MAX NOSSECK

Está provado que não há como os americanos para acharem o «cómico cinematográfico», essencialmente objectivo, directo, simples e incisivo. Todas as tentativas europeias nesse sentido falham estrondosamente. Esta não falha estrondosamente porque o artista que dela se encarregou não é homem que se deixe enterrar fácilmente Foi pêna que não tivesse orientado melhor o protagonista, Curt Bois, que faz esforços desesperados por imitar ora Buster Keaton ora Harold. A influência de Chaplin é nítida, mas isso não é defeito. Imitar sim. E quanto a Harold e Keaton foi o que fez. Se tivesse procurado criar uma personalidade talvez se tivesse impôsto. Assim, não.

A ideia principal do filme é excelente, prestando-se a coisas espantosas. Muitas ficaram por fazer.

O filme melhora bastante desde que a acção se esclarece e se concretiza, isto é, desde que entram na casa do verdadeiro Dollinger. Começam então a aparecer *gags* inéditos, cheios de graça e de alcance visual. Mas onde Max Nossek mostra que sabe verdadeiramente da poda é nas cenas finais, das ruas. Quer antes do atentado, quer depois, mas em especial depois, Essas correrias pelas ruas, perseguições de automóvel e fuga no carro dos bombeiros, só são comparáveis aos melhores bocados de Harold — o que é dizer algo. Quem fez semelhantes metros de filme mostra que tem estôfo. Isto chega para que saibam que a verdadeira revelação da fita não foi Curt Bois, mas Max Nossek, o realisador. O que fez é notavel e sobeja para que se lhe desculpe aquilo que deixou por fazer, tanto mais que nenhum europeu ainda o fez. E de todos é êle que dá mais esperanças de o vir a fazer um dia.

Os vários tipos do filme foram criados com simpática fantasia por Gregori Chmara, Hans A. von Schlettow, Hubert V. Meyering e Max Ehrlich. La Jana é mais uma rapariga interessante com que se pode contar.

O filme é «dobrado» em francês, por péssima forma. Num filme deste género o *dubbing* nada vem acrescentar. Antes pelo contrário.

O Cowboy e o Rei

(My Pal the King)
de KURT NEUMANN

E' possivel que muita gente ache disparatado o argumento dêste filme de aventuras. Ele disparatado é. Mas não se pede lógica nem verosimilhança num filme de aventuras. O que é preciso é arranjar uma história movimentada e imprevista, com o seu quê de maravilhoso, muita audácia, muitas façanhas arrebatadoras e muito entusiasmo. *My Pal the King* tem tudo isso e alguma coisa mais.

As aventuras extraordinárias do pequenino rei da Alvónia — reino imaginário situado no Oeste americano, calculem! — fazem lembrar um conto de Schemidt, muito actualizado, pelo ambiente, pelo género da intriga e pelo desfecho. Não é vulgar aparecer história de aventuras que mais possa prender e entusiasmar uma assistência de petizada e . . . de gente graúda. Vários elementos contribuem para isso: a simpática figura do rei menino, as tenebrosas maquinações do Conde del Mar, a valentia e a destreza do popular Tom Mix, as proêzas e as habilidades dos *cowboys* e dos peles vermelhas.

Muitas cenas são especialmente engraçadas, como as da parada dos *cowboys*, as do conselho do rei e a do trono, entre Tom Mix e Mickey Rooney. Outros interessam fortemente, como a exibição da companhia, em que vemos algumas habilidades dos *cowboys*, que são prodigios de destreza.

A realisação do filme é impecável. Sob êsse ponto de vista nunca «há nada a dizer» dêstes filmes americanos. Só não gostamos da côr castanha da fotografia.

Este filme revela-nos um actor miúdo pasmoso, Mickey Rooney. Basta êste filme para o colocar, senão acima de Jackie Cooper, pelo menos no mesmo plano. Quere-nos parecer que êste garoto há-de ir longe — e não é preciso arrôjo para ter esta opinião.

Tom Mix, o Tom Mix de sempre, e não pretendemos com isto desdenhar da sua pessoa. Num papel secundário um velho conhecimento: Stuart Holmes, vilão celebre em tempos idos.

A Procura dum Milionario

(She wanted a millionaire)
de JOHN BLYSTONE

O velho tema de que o dinheiro não dá felicidade, enquadrado numa história de certo modo original. O argumento é mesmo de muito bôa qualidade até ao casamento de Jane com Gordon. Depois peca por melodramático. Aquêle maníaco do ciúme, Barba-Azul do século XX, que atira as mulheres aos cães para delas se vingar, chega a ser le gran-guignol. Mas fora isso a novela é interessante e muito aceitável.

O realizador soube tirar partido de muitas cenas, compondo-as com gôsto, simplicidade e muito sentido cinematográfico.

O filme tem por si ainda um trunfo valioso — Joan Bennett. Do princípio ao fim ficâmos hipnotizados pela sua graça, simplicidade e frescura. E a sua mocidade ingénua torna-se imediatamente simpática. Além disso representa muito bém, singelamente e com sensibilidade.

Spencer Tracy, prototipo do americano médio, mostra que é um bom actor. Em breve nos *Diábos do Ceu* prestará provas mais concludentes. O milionário desvairado pelo ciúme é James Kirkwood e deve-se dizer que soube salvar-se do convencionalismo em que era fácil caír.

Enfim, um filme que, sem ser para espantar, é no entanto um filme bom, limpo, agradável. E seria mesmo uma comédia dramática perfeita se não tivessem puxado tanto ao tenebroso uma das personagens.

O Bândido Mascarado

(El Caballero de la Noch
de JAMES TINLING

Não nos faltava mais nada!

Dick Turpin protagonista duma operêta espanhola! Não cremos que o prestígio actual do célebre bandoleiro seja tão importante que justifique a usurpação do seu nome num caso como êste. Era absolutamente escusado o Dick Turpin. Se tivessem arranjado outro nome qualquer e situado a acção em Espanha, o filme ganhava bastante. Porque basta a gente lembrar-se que

Viagens e culturais

Shangai, *do* Tapete mágico *da Fox. Belo documentário, ótimamente fotografado, que nos faz vêr alguns aspectos típicos da vida chinêsa, apanhados com verdade, «ao natural». E está nisso o seu especial valor.*

Recordações Renanas, *também do* Tapete Mágico *da Fox — Tudo o que encontramos de louvável no documentário anteriormente referido, desapareceu nêste, para dar lugar ao pior critério em matéria de documentários. Tudo o que no outro era naturalidade e «realidade viva» é nêste* fabricado, *convencionalmente* fabricado.

Magazine Fox Movietone *(Jornal Fox 69 — Observamos, graças á objectiva, a vida carniceira das aranhas e depois algumas experiências de alta tensão feitas pelo professor alemão Marx. O documentário sôbre as aranhas tem o maior interêsse quer sob o ponto de vista cultural quer mesmo sob o ponto de vista cinematográfico.*

Farsas

Charlot no Banco — Charlie at the bank—*sempre achamos o maior interêsse a estas «retrospectivas». O público já não foi da mesma opinião. É gostavamos de saber porquê. O que é certo é que não soube vêr esse filme. E' idiota exigir a um filme de 1916 o que é corrente em 1933. E no Chaplin de 1916 há que baste para interessar um mero espectador.*

Brincando aos comboios — *Farsa com a Pandilha, baseada num ótimo argumento. De entrada arrasta-se um pouco mas, desde que os comboios entram verdadeiramente em acção, levanta-se a uma bôa, a uma excelente altura.*

Documentários portugueses

Marvão — *Operadores Cesar de Sá e F. Quintela —Este documentário nem parece destes operadores. Fotografia quasi sempre desfocada e interesse nulo.*

S. Tome — *Uma má fotografia e uma pobre imaginação a servir um assunto de interesse.*

Festa Hipica — *Operador Manuel Luiz Vieiaa — Uma exibição dos alunos do picador Miranda mal cinematografada. A exibição em si é bôa, mas deviam te-la mostrado mais sucintamente para não enfastiar.*

Batalha — *Operador Aquilino Mendes — Documentário duma romagem ao tumulo do soldado desconhecido. Tem planos bons, outros sofriveis e outros maus.*

Cenas Tipicas de Lisbôa — *Operador Artur Costa Macedo — Revela vontade de renovar o estafado «100 metros». Algumas cenas bém fotografadas. Um esforço simpático.*

D. M.

---

aquilo se passa em Inglaterra para nos sentirmos confrangidos . . .

À parte isto, e desde que aceitemos como bom o processo teatral, o filme não é dos piores, no género. Ha mesmo pedaços agradáveis, cenas graciosas, episódios movimentados.

O Dick Turpin é José Mojica. Um Dick Turpin muito mestiço mexicano, claro está. Mona Maris faz a Lady Helena com graciosidade. Andrés de Segurola compõe a figura do cínico segundo as regras primárias e convencionais.

Pessoalmente não julgâmos que haja necessidade, ou mesmo vantagem, em fazer filmes dêstes. Mas se calhar pensamos mal, porque o público é o supremo juiz . . . Pelo menos aos produtores o que interessa é o julgamento que o público faz aos filmes nas bilheteiras dos cinemas. *Les affaires sont les affaires . . .*

DOMINGOS MASCARENHAS



Curt Bois, La Jana e Hadalbert Von Schletow na farsa de Max Nossek Aldrabão à fôrça

TEMOS RECEBIDO OS MAIS SIMPATICOS ELOGIOS AO NOSSO SERVIÇO DE CONSULTAS CINEFILAS E DE «POSTA RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE*, : : *R. DO ALECRIM, 65-LISBOA* :



Correio dos Cinéfilos

V. M. SANTOS JÚNIOR — *Portimão.* — Agradecemos não só a amabilidadede das suas palavras,como a suaboa vontade.Conquanto neste momento não possamos aceitar os seus serviços, tomámos no entanto, nota do seu nome para quando nos parecer necessário. Sempre ás suas ordens.

ESTOU ESPERANDO RESPOSTA! — *Lisboa.* — Aqui a tem; desculpe não ter sido mais cêdo mas a afluência é grande e o espaço não é, infelizmente, elástico. — Para assinar a nossa revista pode mandar a importância em carta registada ou vir pessoalmente á nossa á nossa administracão, é uma questão de conveniencia sua. — A Paramount segundo notícias recentes de origem americana, parece estar de novo consolidada. — Encontra na Posta Restante o que me pede.

SYLVIA SIDNEY DISFARÇADA — *Lisboa.* — Dir-se-hia que estamos em pleno Carnaval com tantos *disfarces*! Depois do Henry Garat e da Lilian Harvey, aparece-me agora a Sylvia Sidney, de *loup*! Seja pois muito bem aparecida por esta sua casa, simpática amiguinha. — O seu simpático Garat recebe correspondência nos Fox Movietone Studios, 1401 N. Western Ave. Hollywood. Calif. — Para Ramon Novarro, presentemente em França, enderece para «Alhambra» Theatre, Paris. Mas escreva depressa, pois se se demora pode a sua carta não o encontrar aí. Deve escrever, para ambos em francês. — Na secção respectiva será satisfeito o seu desejo. E até breve Sylvia Sidney de Lisboa.

O OUTRO EU — *Lisboa.* — Oh! filho, com uma caligrafia dessas — um amor de letra, na verdade — quem não te há-de desculpar; desculpa que eu fôsse. — O célebre *Testamento do Dr. Mabuse*, adquirido já para o nosso pais pela Agencia H. da Costa, deve estrear-se muito brevemente.

Segundo a imprensa estranjeira trata-se dum filme excepcional. Nem outra coisa mesmo se poderia esperar dum Fritz Lang. Não é verdade? — O que me pedes vem hoje na Posta Restante. —E manda sempre, meu velho.

NUMÍDIO — *Lisboa* — O amigo realmente não se afoga na pouca agua; nada manos de oito moradas alem das que ficam nos etc! Estive quasi para lhe mandar as dos artistas incluidos no etc... Como parece ser bôa pessoa aí vão os endereços de três delas: Elissa Landi: Fox Studios, 1401, N. Western Ave Hollyvood Calif; Charlotte Suza: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver Citty Calif.; Marie Bell, 158, Boulevard Malesherbes, Paris. As outras vão para a semana. Tem de ser assim pois de contrário, a secção passava a ser de uso exclusivo do meu amigo...

DR. MABUSE — *Lamego* — Para Brigitte Helm enderece para a U F A. Krausenstrasse, 38-39—Berlim W 19 Por sua vez a Lilian Harvey pode escrever para os estúdios da Fox, cuja morada damos acima. — Tanto para uma como para outra pode escrever em francês, inglês ou alemão. — Nunca nos importuna. Escreva sempre que quiser.

NECA, LOUCO PELO CINEMA — *Barcelos* — Na verdade, antes pelo cinema que por outra coisa qualquer, também acho. — A direcção do atlético Johny Weissmuller é Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif. — Se não tiver outro meio, escreva-lhe mesmo em português; os seus secretários *adivinham* o que o amigo lhe pede — a indispensável foto, não é assim? — .s suas ordens.

MIMI AGULHA — *Porto* — Como é amável para dr. Celuloide. Creia que muito me sensibilisaram as suas tão lindas] como imerecidas palavras. O que seria eu capaz de recusar a tão simpática quanto gentil correspondente? — Clive Brook nasceu em Londres a 1 de Junho de 1892. Está divorciado desde 1920 de Mildred Evelyn, de quem tem dois filhos, Clive e Faith. Tem um 1m79, cabelo castanho e olhos cinzentos, Antes de, em 1923, ter partido para os Estados Unidos, fez vários filmes em Inglaterra, tendo-se estreado no filme ingles *Trent's Last Case*. — Escreve-lha para Paramount Stúdios, 5451 Marathon Street, Hollywood, Calif. Ficou satisfeita a sua curiosidade? Oxalá. — E agora fico esperando mais noticias suas. Até breve, pois.

M. RAMALHO AZEVEDO — *Vila do Conde* — Para assinar a nossa revista basta mandar para a administração a importância respectiva. — Para os artistas é escusado escrever em carta registada; o que é conveniente é mandar: para os americanos cerca de 25 centavos de dólar e para os franceses cinco francos, para cobrir as despesas do porte das fotografias. — Sempre que precisar de qualquer Informação, escreva.

L. SILVA LOPES — *Lisbou* — Não podemos satisfazer o seu pedido pois que o mfnimo periodo duma assinatura é tres meses.

FERNANDINHO — *Sintra* — Agradecemos-lhe as suas felicitações — Por agora não temos grande necessidade em utilisar o seu oferecimento mas se porventura alguma vez pensarmos nisso, creia que não nos esqueceremos de si.

TONY TINTA — *Lisboa* — Presentemente Blanche Montel encontra-se nos Estados Unidos; mas como deve estar de volta dentro de algumas semanas, pode escrever-lhe para 26, parc Montretout, Saint Cloud (S.et O) France. — Para Miriam Hopkins enderece Paramount Stúdios 5451 Marathon Street, Hollywood, Calif. — Esse filme portuguez nunca foi exibido publicamente em Paris. —Sempre às ordens.

JOSÉ DOS SANTOS ESTRFLA — *Faro* — Por enquanto não precisamos. Na devida oportunidade lembraremos o seu nome. E obrigado, *quand même*...

UMA QUE AMA O RICARDC CORTEZ — *Lagôa* — Jean Angelo gosa de perfeita saúde. Tem 51 anos. — Ricardo Cortez é viuvo da actriz Alma Rubens; nasceu a 19 de Setembro de 1899. — A história de possivel casamento de Greta e Ramon foi pura invenção do chefe de publicidade da empresa a que pertencem e sem a menor consequencia... — Ramon tem 34 anos. — Está agora completamenfe satisfeita a sua curiosidade?

Posta Restante

ESTOU ESPERANDO RESPOSTA!, nosso leitor lisboeta, gostaria de trocar correspondência com leitora de «Animatógrafo», e por nosso intermédio.

SILVIA SIDNEY DISFARÇADA desejando corresponder-se com *Henry Garat disfarçado* pede a este nosso leitor que diga se lhe interessa com ela corresponder-se

O OUTRO EU teria o máximo prazer em corresponder-se com leitoras de *Animatógrafo* com menos de vinte anos, sôbre cinema, critica e desporto. As interessadas deverão escrever p^r intermédio do dr. Celuloide.

VENUS DA COSTA DO SOL—deve ter recebido já uma carta que lhe enderecei do leitor que se assina *Um cinéfilo amoroso*.

Notas da "Canção de Lisboa"

(Conclusão da pagina 8)

Durante a sua forçada alocução, o Telmo não poude conseguir felizmente manter a seriedade que é sempre infalivel nos comunicados oficiais. Adoptou para se desempenhar da missão ingrata, o seu ar simples e brincalhão do costume e muitas vezes fez rir o auditório que não esperava nada encontrar um realizador tão bem disposto e tão jovém. Vou reproduzir mais ou menos o que êle comunicou à improvisada assembléa de criticos embora êsse genero de reportagens em conjunto não costumem interessar-me. Faço-o apenas para arquivar mais um detalhe do nosso momento cinematográfico:

Disse Cottinelli Telmo que «a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros tinha pensado primeiro em realisar um extenso documentário onde fôsse possível reunir o máximo do nosso mais tipico folklore. Essa idéa foi porém posta de parte em vista de falta de tempo, da grande despesa que seria necessário fazer e do pouco interesse que êsse filme poderia ser para o grande público de Portugal. Pensou-se depois em realizar um documentário romanceado que, sucessivamente modificado, acabou finalmente por se transformar num filme de acção de caracter popular e humoristico a que foi dado o titulo de *Canção de Lisboa*. Cottinelli Telmo informou-nos ainda de novos contratos efectuados com os conhecidos artistas de teatro: António Silva, Santos Carvalho e Alfredo Silva que se encontrava ha algum tempo afastado da sua profissão. Cottinelli achou interessante salientar que uma das principais figuras femininas, que é uma velha, não tem ainda interprete escolhida.

Também não se sabe até agora a vedeta da *Canção de Lisboa* nem o seu respectivo galã. A filmagem deve principiar no dia dez de Maio apesar das dúvidas que ainda existem no seu elenco de artistas e que nessa data já devem estar, provavelmente resolvidas, devendo a *Canção de Lisboa* ser exibida ainda nesta época. Seguidamente proceder-se-ia à realisação do segundo fonofilme da C. P. F. S. baseado no romance de Julio Deniz «As pupilas do sr. Reitor» que Leitão de Barros dirigirá. Os exteriores das «Pupilas do sr. Reitor» devem ser já filmados durante os mêses de Agosto e Setembro, sendo os interiores trabalhados no estúdio que nessa altura deve encontrar-se já completamente concluído.

Ha novas candidatas em perspectiva para os primeiros papeis da «Canção de Lisboa»

Falei com o dr. Ricardo Jorge filho, que também assistira à entrevista do Telmo com a critica. Preguntei-lhe se a vedeta seria escolhida entre as dezasseis selecionadas. Disse-me que não. Já se tinham encontrado particularmente algumas raparigas, inéditas, com mais qualidades do que qualquer das concorrentes. Galãs também já havia dois. Só tinham o embaraço da escolha. E os nomes?

Os nomes?! O dr. Ricardo Jorge *não dizia.*

Frases que algumas selecionadas escreveram para o «Animatógrafo»

Quando todos principiavam já a debandar lembrei-me de que só me faltava o tempero para a salada de fructas. Pedi a algumas selecionadas, que ainda não tinham saido, para escreverem uma frase qualquer que seria publicada no «Animatógrafo».

A primeira a quem me dirigi, rapariga de olhos profundos, simpática, meiga, escreveu timidamente uma frase agradavel.

Depois seguiram-se outras e apreciei a literatura que segue.

Tinha muito medo dos criticos. Afinal são todos muito simpáticos.

Maria Matos Pereira.

Poder cantar a linda Canção de Lisboa; *Um sonho... mas talvez não!*

Maria Adelaide

Não sei o que hei-de escrever...

Corália Escobar

Que papel me darão a mim? Estarolice...

Deolinda Gonçalves

O meu maior sonho é agradar ao público de Lisboa.

Fernanda Pereira

CRONICA DO PORTO

(Conclusão da pagina 14)

conheço-o —, mas eras despreocupada e alegre, falavas francês sem «argot» e não tinhas dotado os teus conhecimentos de inglês com a impertinência irritante do O. K. Sabias, nêsse tempo, conversar com fluência fôsse qual fôsse o assunto das conversas, freqüentavas os salões de pintura e de escultura, folheavas nas mesas do Tavares Martins as últimas novidades da literatura, não perdias um concêrto da Assembleia, nem uma reünião do Club Portuense.

Enfim, estavas actualizada, em todos os assuntos, mesmo em cinema, eras o que se chama habitualmente *uma rapariga preparada.*

Hoje não acontece assim, relegaste para um sector secundário todas as afirmações de intelectualidade e de sociedade, para te entregares à ilusão de vires um dia a guindar-te pelos teus dotes fisicos a estrêla do cinema.

A culpa também me cabe, porque — como os outros — te chamei bonita...

E, na ânsia de ires para o cinema, fôste a pouco e pouco perdendo aquilo que te poderia levar até êle, não a harmonia escultural e anatómica das tuas linhas, mas a maleabilidade, a ductilidade dos teus conhecimentos, do teu talento.

Das centenas de raparigas que passavam diante dos seleccionadores da Tobis, a maior parte não alcançará a cubiçada glória pelos mesmos motivos que te aponto.

E's nova e a beleza que nasceu contigo não necessita das atenções excessivas que lhe dispensas. Se queres ser artista de cinema, recupera a tua antiga personalidade, que era bem mais cheia de atractivos.

Mas, a persistires em continuar assim, desilude-te, pequena...

António Figueiredo

Retenham esta data

E' no dia 13 de Junho que se sabe qual dos nossos assinantes vai a Berlim!

Os três prémios do nosso sensacional concurso todos sabem quais são.

O primeiro é:

UMA VIAGEM A BERLIM, COM DIREITO A UMA ESTADIA DE 6 DIAS NUM HOTEL DE PRIMEIRA ORDEM, VISITA AOS PRINCIPAIS CINEMAS E MONUMENTOS DA GRANDE CAPITAL, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, A HOLLYWOOD EUROPEIA.

O segundo prémio é UM RECEPTOR RADIOFÓNICO «STEWART WARNER», circuito super-heterodino modêlo 1933 oferecido pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

O terceiro prémio é UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecida pela casa Amador Fotográfico, de Rõiz Ltd., Rua Nova do Almada, 84.

Para concorrer basta assinar ANIMATÓGRAFO

Hollywood

(Conclusão da pág. 9)

dum artista estrangeiro, indefinidamente no nosso paiz. E isto será aplicado quer a Marlene, a Dietrich, a Maurice Chevalier, a George Arliss, a Greta Garbo, como a qualquer outro.

Se um estúdio desejar contratar um artista estrangeiro, *para uma única pelicula*, os dirigentes dessa emprêsa terão de fazer um depoimento, sob juramento de honra na secção de Emigração, *de não lhes ser possível encontrar nos Estados Unidos um artista capaz de ser intérprete dêsse determinado personagem.*

Se se tratar dum argumentista, a fórmula é idêntica. E assim será permitida, *mas apenas para um único filme*, a entrada dum actor estrangeiro.

Se por acaso se provar que a companhia prestou falsas declarações, ter-se-á ela de entender, depois, com o Govêrno.

Com a transformação do plano Dickstein em lei, acabará também a legião de *extras*, que de toda a parte do mundo afluem a Hollywood, prejudicando os naturais. Toda essa genta terá de se pôr a andar da América, deixando dessa fórma o campo livre aos *extras* americanos, que assim poderão viver mais desafogadamente do seu trabalho».

Frant Cates

ANIMATOGRAFO

ANO I — **NÚMERO 6**

Lisboa, 8 de Maio de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO** — Secretário da Redacção: **FÉLIX RIBEIRO** — Editor: **JOÃO PEREIRA E SOUSA**

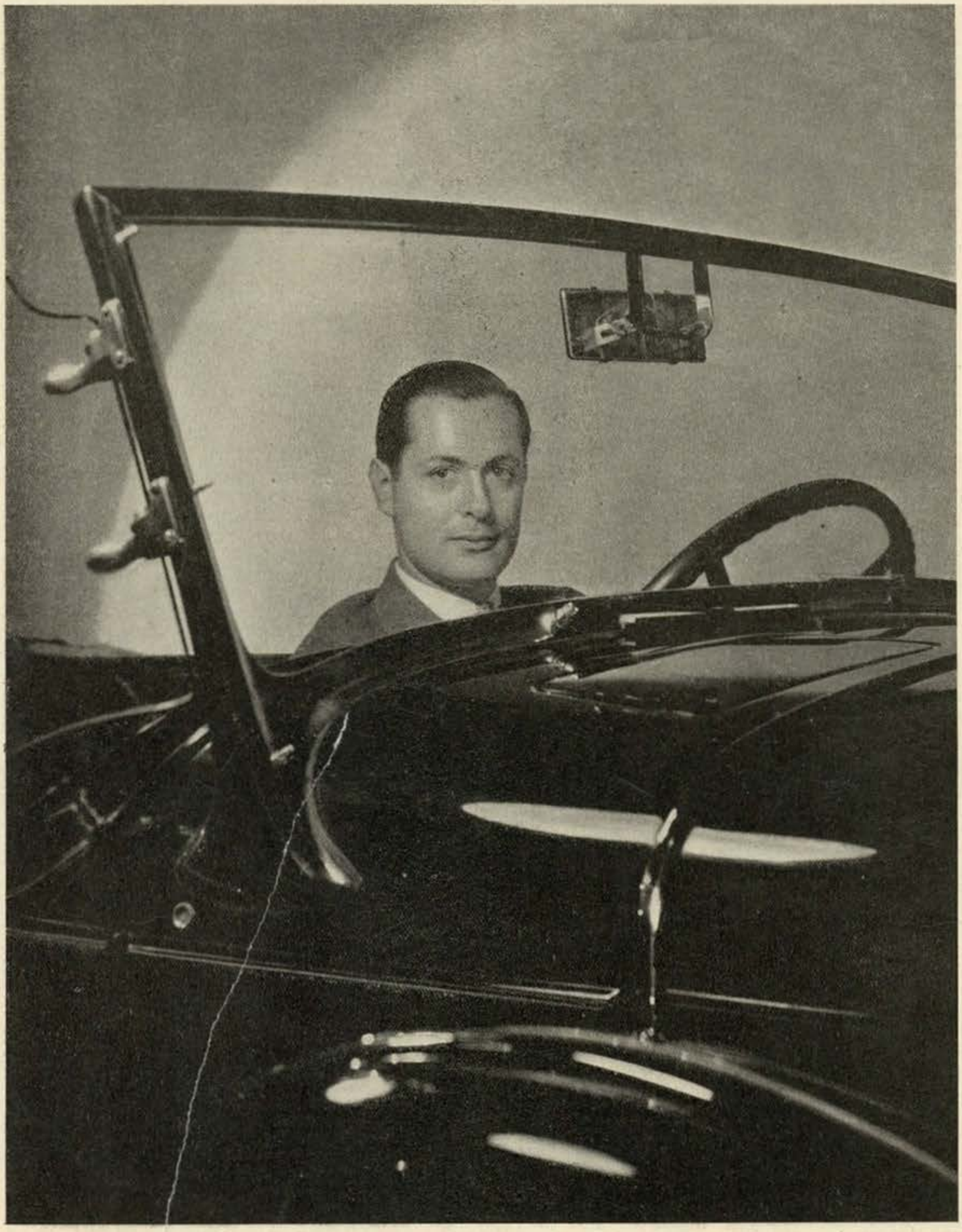
Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Impressão: Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de BERTRAND IRMÃOS

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. — TELEF. 2 1276 — Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Preço 1$50



O AUTOMOVEL DE ROBERT MONTGOMERY

O popularíssimo galã americano, amigo íntimo de Greta Garbo e de Ramon Novarro, é um dos melhores volantes de Hollywood. O automobilismo e o polo — o polo a cavalo e não as regiões geladas, claro está — ocupam todos os seus momentos livres. Seguindo a moda em voga na capital do cinema, Robert Montgomery adoptou, há pouco tempo, um petiz, decerto para brincar com o seu filho autêntico.



POLA ILLÉRY REAPARECE AOS SEUS ADMIRADORES PORTUGUESES NO NOVO FILME DE RENÉ CLAIR, «14 DE JULHO», QUE A AGÊNCIA CINEMATOGRÁFICA H. DA COSTA APRESENTA AMANHÃ NO SÃO LUÍS.